

PROPAGANDA DO TERROR: AMEAÇAS PARA A SEGURANÇA DA UNIÃO EUROPEIA¹

PROPAGANDA OF TERROR: THREATS TO SECURITY AND SAFETY IN THE EUROPEAN UNION

Juan Manuel Ramos Santamaría

Major Guardia Civil
Mestre em Ciências Militares, Segurança e Defesa pelo Instituto Universitário Militar
Oficial de Logística do Estado-Maior do Comando Geral da Guardia Civil
28003, Madrid, Espanha
jmramoss@guardiacivil.es

João Manuel Pinto Correia

Tenente-coronel de Engenharia
Mestrado em Engenharia Militar
Mestre em Ciências Militares, Segurança e Defesa pelo Instituto Universitário Militar
1750-136, Lisboa
Investigador Colaborador do CIDIUM
correia.jmp@exercito.pt

Resumo

O *Daesh* revolucionou a forma de fazer terrorismo, pois, através de uma potente máquina propagandística, foi capaz de alinhar narrativa, ideologia e espetáculo, alcançando uma popularidade e recrutamento cobiçados por qualquer organização. De facto, a Europa está a sofrer os efeitos desta propaganda: lobos solitários, células terroristas, combatentes estrangeiros, bem como a polarização da sociedade como consequência de um ciclo de ódio criado pela dinâmica recrutamento-ataque-xenofobia. Uma análise dos relatórios do Conselho de Segurança das Nações Unidas, artigos científicos, entrevistas, e notícias sobre a evolução dos factos no terreno, possibilitou, mediante uma estratégia qualitativa e raciocínio dedutivo, atingir o objetivo desta pesquisa: identificar as políticas e ferramentas, nos domínios policial e militar, que têm funcionado no combate contra as potenciais ameaças do *Daesh* à segurança da União Europeia. Resumidamente, concluiu-se que embora os atentados tenham diminuído, isto não se traduz numa redução da ameaça, mas antes num período de transição que revela um futuro de incertezas para a Europa, especialmente quando observado o número de conspirações e tentativas frustradas, fruto dos esforços antiterroristas. Ou seja, esta fase de transição não resulta de uma perda de motivação dos terroristas, mas da perturbação da sua capacidade para planear e executar ataques.

Palavras-chave: *Daesh*, terrorismo, propaganda, lobos solitários, combatentes estrangeiros.

Como citar este artigo: Santamaría, J. M. R., & Correia, J. M. P. (2021). Propaganda do Terror: Ameaças para a Segurança da União Europeia. *Revista de Ciências Militares*, maio, IX (1), 209-241. Retirado de https://www.ium.pt/?page_id=5714

¹ Artigo adaptado e revisto a partir da Dissertação de Mestrado em Ciências Militares Segurança e Defesa 2018-2019, defendida em março de 2020. A versão integral encontra-se disponível nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto em Portugal (RCAAP).

Abstract

Daesh has revolutionised the way terrorism is carried out. Using a powerful propaganda machine, it has combined narrative, ideology and spectacle to achieve levels of popularity and recruitment that any organization would like to enjoy. Europe is now suffering the effects of this propaganda: lone wolves, terrorist cells, foreign fighters and a polarised society are the consequence of the cycle of hate triggered by the recruitment-attack-xenophobia dynamic. This study uses a qualitative strategy and deductive reasoning, based on an analysis of UN Security Council reports, scientific articles, interviews, and news articles on how the facts on the ground are developing to: identify the policies and tools that have been used by the police and the military to counter the potential threats that Daesh poses to the security of the European Union. The findings revealed that, while the number of terrorist attacks has decreased, this does not mean that the threat level has been reduced, but rather that this is a transitional phase that spells an uncertain future for Europe, especially considering the number of plots and attempted attacks that have been thwarted by counter-terrorism efforts. In other words, this transitional phase does not mean that terrorists are less motivated, but rather that their ability to plan and execute attacks has been disrupted.

Keywords: *Daesh, terrorism, propaganda, lonely wolves, foreign fighters.*

1. Introdução

Apesar dos efeitos que a COVID-19 está a provocar no mundo e seus habitantes, segundo De la Corte e Summers (2021, pp. 40, 54), a ameaça terrorista não registou qualquer alteração importante.

Com efeito, e apesar do *Daesh* ter perdido a totalidade do território que controlava (CSNU, 2019, p. 3), atualmente tem consolidado uma estratégia de insurgência no Iraque e na Síria, sendo que, segundo o General McKenzie do Comando Central dos Estados Unidos de América (EUA), “sem pressão contínua antiterrorista”, o *Daesh* poderia recuperar o controlo de ambos os países num “espaço de tempo relativamente curto” (O'Donnell, Klimow, & Calvaresi, 2020, pp. 2, 15).

Importa perceber porquê milhares de pessoas se uniram às fileiras do grupo deixando as suas vidas de lado (VOX, 2015), quer como combatentes estrangeiros (CE), quer como fiéis seguidores dispostos a conduzir ataques nos seus países de origem, ao mais puro estilo da *jihad* individual: faça-você-mesmo. Neste ponto, cabe ainda realçar que muitos dos autores dos atentados eram cidadãos europeus, o que coloca uma questão sensível sobre a cidadania e integração destes indivíduos (McDowell & Maplecroft, 2016, p. 739).

De facto, segundo a EUROPOL (2020, p. 14), sete ataques terroristas aconteceram em 2019 na União Europeia (UE), sendo que as forças de segurança conseguiram frustrar catorze, o que evidencia que o grupo ainda tem capacidade e intenção em cenário vulnerável, ou seja, constitui uma ameaça efetiva. Portanto, face a todas as ameaças potenciais contra a segurança da UE, esta investigação é do maior interesse, inserindo-se no domínio das Ciências Militares, áreas do Estudo das Crises e dos Conflitos Armados e dos Estudos de Segurança Interna e dos Fenómenos Criminais, particularmente estudando o emprego dos

instrumentos militar e policial no combate contra o terrorismo.

A *propaganda do Daesh* constitui o objeto de estudo da presente pesquisa. Será limitada, porém, a análise, às dimensões claras e objetivas de conteúdo, tempo e espaço:

- De conteúdo, será analisada a evolução da propaganda do grupo e sua disseminação, as suas temáticas, o emprego das redes sociais (RS), os seus efeitos sobre as audiências-alvo (AA), bem como o seu combate numa perspectiva do emprego dos instrumentos militar e policial.

- Temporalmente, será estudado o período compreendido entre julho de 2014 (anúncio do Califado) e junho 2019 (fase de insurgência após a perda total do território do grupo). Porém, por forma a conferir que a ameaça terrorista no período estudado continua em vigor, serão considerados, a título excepcional, outros períodos.

- Espacialmente: a UE e, no intuito de enriquecer a investigação, serão tidos em consideração o ciberespaço –propaganda *online*–, a Síria e o Iraque (nomeadamente o emprego do aparelho militar) e, de forma pontual, os efeitos da propaganda noutros lugares do mundo.

Portanto, e segundo o exposto, o objetivo geral (OG) desta pesquisa é *analisar quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do Daesh*. A fim de alcançar o OG, definem-se os seguintes objetivos específicos (OE):

OE1: Caracterizar a propaganda do *Daesh*;

OE2: Analisar os efeitos da propaganda nas audiências-alvo;

OE3: Analisar a resposta militar contra os efeitos da propaganda do *Daesh*;

OE4: Analisar a resposta policial contra os efeitos da propaganda do *Daesh*.

Um conjunto de objetivos operacionalizados na seguinte questão central (QC):

Quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do Daesh?

2. Enquadramento teórico e concetual

2.1. Conceitos

Começar-se-á por explicar, numa perspetiva instrumental, os conceitos estruturantes que sustentam esta pesquisa, sendo estes: terrorismo, propaganda, ameaça e segurança.

O *Terrorismo* é definido como um ato deliberado de criação e exploração do medo através da violência ou da ameaça da violência na persecução de uma mudança política, estando especificamente desenhado para ter um *alcance* além da vítima ou objeto do ataque terrorista (Hoffman, 2006, p. 40).

Para se obter este alcance pretendido, é da maior importância a *propaganda*, pois, como terá dito a Primeira Ministra Margaret Thatcher (1985), “devem-se achar trilhos para matar de fome o terrorista e sequestrar o oxigénio da publicidade da qual este depende [...]”. Street (2003, p. 7), define a *propaganda* como uma atividade cujo objetivo é influenciar o maior número possível de pessoas através da disseminação de ideias (Ejupi et al., 2014, p. 644). Estas ideias influenciam pessoas, criam seguidores, e desenvolvem determinadas tendências nas sociedades, sendo que, dependendo das vontades, ações e comportamentos exibidos,

podem converter-se em ameaças.

Em ambiente agônico, *ameaça* é qualquer acontecimento ou ação (em curso ou previsível), de variada natureza (militar, económica, ambiental, etc.) que contraria a consecução de um objetivo e que, em geral, é causador de danos, morais ou materiais, sendo que, no âmbito da estratégia consideram-se principalmente as ameaças provenientes de uma vontade consciente, analisando o produto das possibilidades pelas intenções (Couto, 1980, p. 329).

Para proteger as sociedades destas ameaças, é precisa *segurança*, definida como “a ausência de ameaças militares e não-militares que podem pôr em causa os valores centrais que uma pessoa ou uma comunidade querem promover, e que implicam um risco de utilização da força” (David, 2001, p. 27).

2.2. Revisão da literatura

Desde o advento do *Daesh*, já “correu muita tinta” em diversos domínios sobre o grupo. No que diz respeito à sua propaganda, há estudos na área das RS e da influência da organização, como os de Berger e Morgan (2015) e Convey et al. (2017), que revelam a resiliência mostrada pelo *Daesh online*, apesar das ações contra o grupo.

Relativamente à sua capacidade de mobilização, as pesquisas do grupo *Soufan* (2014, 2015, 2017), juntamente com o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) *The challenge of returning and relocating foreign terrorist fighters*, de 2018, lançam luz sobre a evolução do fluxo dos CE e o *status* atual do assunto. Da mesma forma, é importante o estudo de Vidino et al. (2017, p. 35), que frisa a importância da propaganda e narrativa na hora de influenciar indivíduos sem vínculos operacionais com o grupo, o que os especialistas em terrorismo Petter Nesser, Anne Stenersen e Emilie Oftedal, chamam de *IS-effect*.

Na área de ameaças e da relação entre imigração e terrorismo, destaca-se o trabalho de Beck, Diza e Searl, *Bridges and Bandits on the Road to the New Jerusalem: A Study of the Correlation Between Immigration and Terrorism*, publicado em 2017.

No respeitante ao combate ao terrorismo, o estudo, de 2016, *Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional*, do Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos do Ministério da Defesa, desenvolve, numa abordagem multidisciplinar, o trabalho a ser desenvolvido pelos vários instrumentos dos Estados na luta contra o terrorismo, incluindo o militar e o policial. Neste mesmo sentido, o Caderno do Instituto Universitário Militar nº 15: *O Daesh, Dimensão Globalização, Diplomacia e Segurança*.

Em síntese, a revisão da literatura permite concluir que a propaganda conseguiu mobilizar um amplo leque de indivíduos, quer CE, quer lobos solitários. Veio ainda revelar o papel da imigração nesta área de estudo. Da mesma forma, analisaram-se as medidas propostas, nos âmbitos militar e policial, contra o *Daesh* em fases iniciais, com anterioridade à sua derrota.

Partindo então da revisão da literatura, esta pesquisa pretende uma nova abordagem, diferenciadora das referidas, pois, a partir de uma análise da evolução dos factos no terreno, visa confirmar se as políticas e estratégias a serem empregues contra o *Daesh* têm funcionado, particularmente as ações dirigidas, nos domínios militar e policial, contra a propaganda e os seus efeitos na UE.

2.3. Modelo de análise

Apresenta-se no Quadro 1 o modelo de análise que norteou esta investigação.

Quadro 1 – Modelo de Análise

Questão central	QC: Quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propagando <i>Daesh</i> ?			
Técnica de recolha de dados	Conceito Variável	Dimensões	Indicadores	Questões derivadas
Análise documental e entrevista semi-estruturada	Propaganda	Aparelho mediático	Gabinetes de Comunicação	QD1: Como se caracteriza a propaganda do <i>Daesh</i> ?
		Conteúdo / temática	Militar / Não militar	
		Audiências-alvo (Intra muros / Extra muros)	Inimigos / Combatentes do <i>Daesh</i> / Seguidores / Potenciais recrutas	
		Off line / On line	Productos (<i>Al-Naba; Rumiyah</i>) Apps: Telegrama, Twitter <i>Branding</i> / Recrutamento	
	Ameaça	Ameaça híbrida	<i>Jihad</i> individual Tipos de atentado Combatentes estrangeiros Imigração Xenofobia	QD2: Quais os efeitos da propaganda nas audiências-alvo?
	Segurança	– Resposta Militar – Resposta Policial	Ações Cinéticas (<i>Air Strikes</i> -Operações) Formação / treino Retirada de conteúdo Informações sobre indivíduos/ operacionais Bloqueio de servidores Ações policiais Coordenação policial	QD3: Qual a resposta militar contra os efeitos da propaganda <i>Daesh</i> ? QD4: Qual a resposta policial contra os efeitos da propaganda <i>Daesh</i> ?

3. Metodologia e método

3.1. Metodología

Esta investigação pauta-se por um raciocínio dedutivo, assente num estudo de caso e numa estratégia qualitativa (Santos & Lima, 2019).

3.2. Método

Para além da análise documental, contactou-se com oficiais responsáveis² dos Serviços das Informações da *Guardia Civil*, no intuito de solicitar autorização para realizar uma entrevista semiestruturada, tendo sido obtido *feedback* sobre o seu guião. Uma vez obtida a anuência por parte do entrevistado, levando em consideração as garantias de anonimato e de confidencialidade, foi agendada e realizada presencialmente a entrevista. Posteriormente, validaram-se as respostas citadas nesta investigação.

² Ligados à Operação Tajmil (secção 4.3.2).

3.3. Técnica de tratamento de dados

Mediante a operacionalização dos conceitos estruturantes, foi possível compreender os fenômenos em estudo, conforme surgiam padrões e relações ao longo da pesquisa (Santos & Lima, 2019, pp. 116-117).

4. Apresentação dos dados e análise dos resultados

4.1. As operações psicológicas do *Daesh*: entre o *marketing* e a propaganda

4.1.1. O aparelho mediático do *Daesh*

O atual líder de Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, já frisou a importância da comunicação numa missiva a Abu Musab al-Zarqawi em 2005, líder da Al-Qaeda no Iraque (AQI) (predecessora do *Daesh*): “*Estamos numa luta, e... mais de metade deste combate tem lugar no domínio dos média*” (Cottee, 2015).

Consciente da importância da guerra de informação na sua estratégia (Gambhir, 2016, p. 7), após a conquista de Mossul em 2014 e aproveitando o ímpeto, o grupo trabalhou incansavelmente para se dar a conhecer mundialmente através da disseminação de uma série de produtos de média que iriam popularizar a sua marca, polarizar as sociedades e deixar os seus rivais num segundo plano (Winter, 2017a, p. 1).

Para o efeito, era preciso um complexo aparelho mediático capaz de produzir e disseminar a sua propaganda. Consequentemente, adaptaram as noções militares e políticas do partido *Ba’athis* e, mediante uma visão pragmática em termos de estratégia militar e política, criaram estruturas de governo no Iraque e na Síria (Figura 1) (Habeck et al., 2015, p. 7), sendo que a experiência dos ex-agentes do serviço de informações de Saddam Huseim presentes nas suas fileiras (profissionais da insurgência e da contrainsurgência), tem sido muito útil (Carette, 2016).

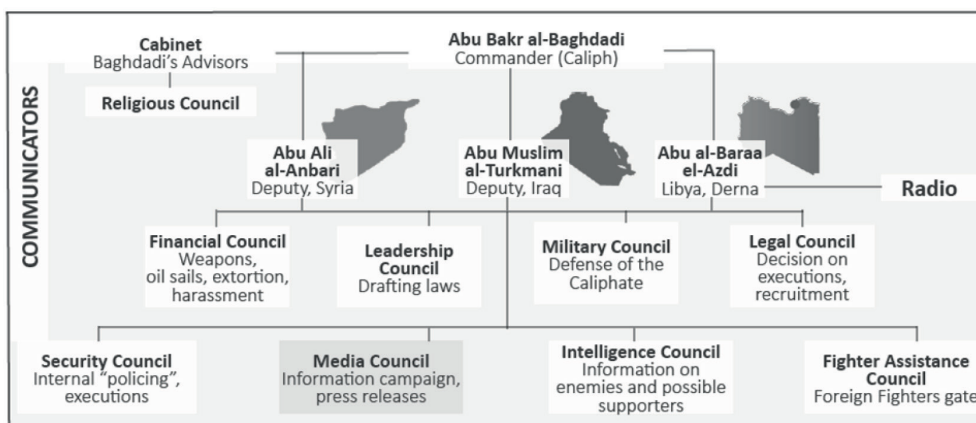


Figura 1 – Estrutura organizativa do *Daesh*

Fonte: NATO (2015, p. 23).

De facto, parte do sucesso da sua campanha de informação provém das sua eficaz organização. Uma cadeia de comando centralizada é responsável por um comportamento

que se adapta às circunstâncias, bem como pelo alinhamento dos órgãos mediático, militar e religioso (Gambhir, 2016, p. 20), embora desde a derrota do grupo, tenham sabido evoluir e descentralizar-se, ganhando protagonismo³ as suas filiais (Igalada & Summers, 2020, pp. 2, 3).

4.1.2. A estratégia comunicativa do *Daesh*: psicologia, narrativa, *branding* e *marketing*

A propaganda é um ato de comunicação que se baseia em obter uma resposta emocional da AA (Simons, 2018, p. 6) e, como indicam Pratkanis e Aronson (2001, p. 11), atua sobre as emoções e os juízos através da manipulação de imagens, *slogans* e símbolos. Levando em consideração os efeitos que o grupo procura com a sua propaganda, pode ser analisada qual a AA a ser atingida (NATO 2015, pp. 35-37):

- Para (1) apoiar e (2) unir: potenciais recrutas, muçulmanos de todo o mundo e seguidores;
- Para (3) intimidar: sociedades ocidentais e dissidentes;
- Para (4) informar: sociedades ocidentais, seguidores, população local e a opinião pública.

Segundo Lesaca (2015, p. 106), a difusão de um vídeo do imã Abu Bakr al-Baghdadi, em julho de 2014, marcou o nascimento do “terrorismo de *marketing*”, um novo terrorismo que através de ferramentas próprias da psicologia social, da opinião pública e da tecnologia, consegue recrutar seguidores por todo o mundo. Para a construção da marca (*branding*) *Daesh*, contribuiu uma combinação de êxitos militares e uma campanha propagandística bem-sucedida durante o verão de 2014 e o início de 2015. Consequentemente, a organização tem alcançado um nível de reconhecimento cobiçado por qualquer político ou empresa multinacional (Winter, 2018, p. 8).

Lesaca (2015, p. 111), realça a importância da análise qualitativa da propaganda: pelo menos 25% dos vídeos do *Daesh* tem inspiração em séries, videogames, filmes ou cliques musicais muito populares na cultura juvenil, conseguindo-se assim uma ressonância identitária.

Convencionalmente, assume-se que o conteúdo dos produtos de comunicação da organização gira em torno da barbárie (Zelin, 2015; Winter, 2015; Milton, 2016), porém, numa outra visão, é a utopia de um Estado Islâmico funcional no qual os muçulmanos vivem em harmonia e felicidade, a mais importante parte da sua propaganda (Andhika, 2017; Winter, 2017a; Winston, 2018).

Precisamente, no seu zénite territorial (2014 - 2015), a propaganda do grupo girava em torno de uma ideia de sublinhar a vida idílica no seu Califado. Naquela altura, o *Daesh* apresentava vídeos de crianças contentes em parques ou médicos falando nos serviços sanitários. Mediante entrevistas, os vários CE realçavam as virtudes e benefícios de vir ao território do *Daesh* e fazer a *hijrah* (Winston, 2018, p. 5). Por outro lado, enquanto a CID e as Forças Iraquianas ganhavam território, o *Daesh* potenciava os ataques do tipo lobo solitário (Gunaratna, 2017, p. 107).

³ Vid. Apartado 4.3.3.

De facto, conforme o *Daesh* sofria pressão militar na Síria e no Iraque (Almukhtar & Watkins, 2016) e os governos ocidentais encetavam esforços a fim de evitar a viagem de CE para se unirem às fileiras da organização (Kalin & Tolba, 2016), assim tinha lugar uma evolução da sua narrativa em conformidade, tendo a violência indiscriminada contra os “inimigos do Islão” preenchido o espaço criado pela perda da utopia (Winter, 2017b).

Torres (2016, p. 187) sublinha como, através do instrumento militar, pode ser neutralizada a vantagem propagandística do grupo, pois a mesma assenta numa série de edifícios, redes de comunicação, equipamento e pessoal, que podem ser atacados e destruídos. A falta de capacidade para substituir membros com habilidades especiais na propaganda, acaba por afetar não só a quantidade, mas também a qualidade da mesma.

Nesta sequência, Milton (2018, pp. 5-6) frisa como, os desafios do recrutamento, a dificuldade na viagem para o território que o grupo dominava, as derrotas militares, a pressão dos governos e das companhias privadas, bem como as ações contra as finanças do grupo, têm desempenhado o seu papel na diminuição da propaganda.

A eliminação de operacionais da propaganda tem tido um impacto negativo na capacidade da organização para produzir média. O número de 100 mortos da Figura 2, é significativo e contribui para esse impacto. Por outro lado, mostra a ênfase dos EUA, a partir do 2016, para alvejar/atacar este tipo de pessoal. Com efeito, em 2016, os média internacionais informavam sobre um esforço planeado para atacar o braço de propaganda do grupo, em particular no respeitante à sua capacidade na língua inglesa (Milton, 2018, p. 7), o que faz parte da estratégia americana de eliminação de líderes do grupo (Calvo, 2016, p. 85).

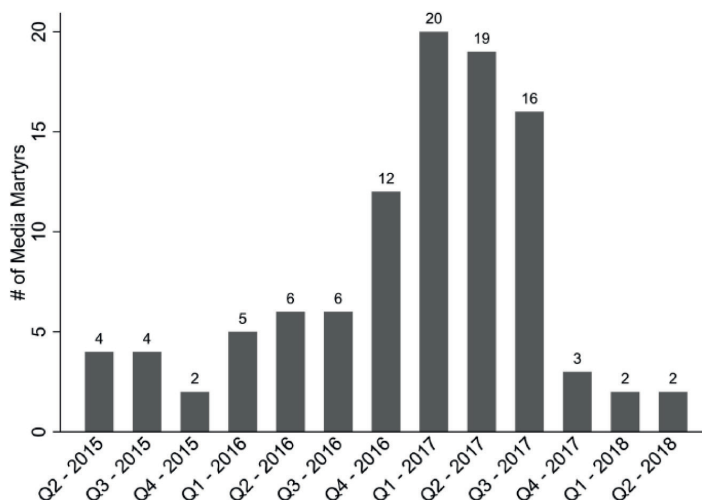


Figura 2 – Anúncios do *Daesh* sobre operacionais da propaganda mortos, 2015-2018

Fonte: Milton (2018, p. 6).

4.1.3. O uso da *internet* e das novas tecnologias: um fator chave

A importância do alcance da *internet*, juntamente com o uso que os terroristas fazem da mesma (Jawhar, 2016, p. 24), permite ter uma ideia, não só das audiências globais que são

capazes de alcançar, como também das potencialidades que este tipo de ferramentas de comunicação apresenta para, organizar, recrutar, divulgar propaganda, arrecadar fundos, ou recolher informações, assim como inspirar e coordenar ataques terroristas (Fine, Linick & Calvaresi, 2017, p. 27).

Efetivamente, a *internet* tem potenciado o efeito de técnicas como as chamadas 3R (*reach, relevance, resonance*), que têm impacto na credibilidade. Assim, a análise do emprego das RS pelo *Daesh*, particularmente o *Twitter*, tem provado empiricamente que constituem muito mais do que ferramentas para maximizar o alcance, pois também potenciam a relevância e ressonância da mensagem nas AA (Ingram, 2016, p. 25), possibilitando assim ao grupo ter acesso a uma audiência que, de outra maneira, não poderia ser alcançada através de encontros presenciais (Awan, 2017, pp. 138-139).

Concomitantemente à perda do território resultante da atrição militar, o *Daesh* virou-se para aplicações encriptadas como o telegrama, em consequência dos esforços antiterroristas das forças de segurança, ensinando a arte do anonimato aos seus seguidores, mostrando assim uma mudança de tática. Em termos militares, tomaram o seu Comando e Controlo (C2) e Comando, Controlo, Comunicações, Computadores e Informações (C4I) e levaram-nos para fora da rede, a fim de passarem despercebidos (Matejic, 2016), a partir de onde os seguidores do grupo continuam habilidosamente a usar as RS, a encriptação e a *dark web* para comunicar, motivar e facilitar ataques (CSNU, 2018a, pp. 5-6).

Por último, não só há propaganda via *internet*, como também existe o seu importante jornal *Al-Naba*, nomeadamente produzido *offline*. Segundo Mahlouly & Winter (2018, p. 5), cada publicação tem sido feita à medida para se adequar às AA. Assim, enquanto a revista *Rumiyah* foi concebida para a disseminação aos seguidores a nível global, o *Al-Naba* era, e continua a ser, dirigido ao pessoal da área em conflito.

4.1.4. Síntese conclusiva e resposta à QD1

Do analisado, e em resposta à QD1, *como se caracteriza a propaganda do Daesh?* conclui-se que a propaganda do grupo terrorista *Daesh*, se baseia numa campanha de comunicação planeada e centralizada, com uma segmentação de temáticas e mensagens feitas à medida para influenciar as suas AA e a opinião pública internacional, levando em consideração ferramentas da psicologia e do *marketing*. A credibilidade, narrativa, justificação, ressonância identitária e espetáculo atingidos permitem a sedimentação da marca *Daesh*, de forma fiável, assustadora e credível.

Uma vez que as derrotas contrariavam a narrativa de uma vida idílica no Califado, o grupo virou-se para um outro relato de vitimização e vingança, o que propiciaria a subsequente chamada a cometer atentados no Ocidente decorrente da necessidade de manter o seu protagonismo. Da mesma forma, viraram-se para a *dark web* e para a encriptação, por forma a passarem despercebidos, em consequência da ação militar e policial.

Por último, importa realçar a importância da *internet*, seja para aumentar o alcance, relevância e ressonância da sua mensagem, como para arrecadar fundos, inspirar ou coordenar ataques, entre outras possibilidades.

4.2. Os efeitos da propaganda do *Daesh*: da *Jihad* Individual aos Combatentes estrangeiros.

4.2.1. A *jihad* individual: faça-você-mesmo

Segundo Styszyński (2016, pp. 1-2), as organizações como Al-Qaeda e o *Daesh* consideram a ideia da “*jihad* individual” essencial para lutar em países ocidentais, explorando-a através dos lobos solitários, mediante a propaganda *jihadista* para cometer atentados.

Já em 2010, a revista *Inspire* da Al-Qaeda havia publicado um número com instruções para empregar uma viatura como arma de terror (Bergen, 2017). O *Daesh* seguiu também este caminho com a sua série específica da revista *Rumiyah* chamada de *Just Terror Tactics*, onde cada número se focava em explicar o emprego de um certo método de ataque (Figura 3) (POOLRE, 2017, p. 26). Com efeito, entre a declaração do Califado, ocorrida em junho de 2014, e fevereiro de 2017, o *Daesh* dirigiu ou inspirou cerca de 143 atentados em 29 países, provocando a morte de aproximadamente 2 mil pessoas e ferindo muitas mais (SG, 2017, p. 14).

 Edition of Rumiyah	 Date released	 Just Terror Tactics number	 Attack methodology highlighted
2	October 2016	None	 Knife attacks
3	November 2016	Just Terror Tactics 1	 Vehicle attacks and  additional weapons
4	December 2016	Just Terror Tactics 2	 Knife attacks
5	January 2017	Just Terror Tactics 3	 Arson attacks
9	May 2017	Just Terror Tactics 4	 Hostage-taking

Figura 3 – Números de *Just Terror Tactics* e metodologia sugerida

Fonte: Adaptado a partir de POOLRE (2017, p. 26).

Segundo Igualada et al. (2018, p. 31), a análise das ações terroristas da Figura 4 permite concluir que, ainda em 2018, os autores resolveram atacar, de forma independente, com ferramentas rudimentares, na maioria dos casos de fácil acesso, o que torna os ataques muito difíceis de monitorizar (Duarte 2017, p. 19).

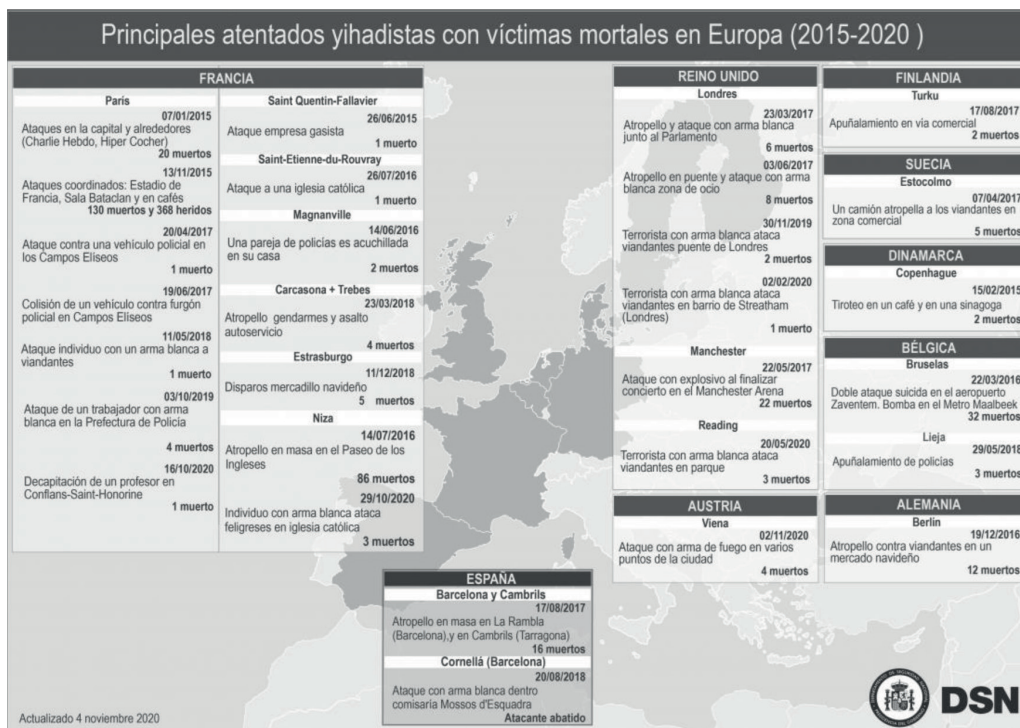


Figura 4- Ataques de inspiração jihadista na Europa, com número de mortos, 2015-2020

Fonte: DSN (2020).

Embora durante o ano 2018 houvesse uma diminuição dos atentados, isto não deve ser traduzido como uma redução da ameaça, mas como um período de transição que revela um futuro de incertezas para a Europa (Igualada et al., 2018, p. 15). Paralelamente à simplicidade dos ataques *low-cost*, os ataques de Bruxelas e Paris provam que pode haver logística e coordenação (Duarte, 2017, p. 19), como vieram também demonstrar os ataques no Sri Lanka⁴ e na Tunísia⁵, o que realça a ameaça que ainda constituem as células clássicas (SIGC, entrevista presencial, 01 agosto de 2019).

A publicidade extra obtida na sequência dos ataques atua, quer como fonte de inspiração, quer como ferramenta de recrutamento para o *Daesh*. O lobo solitário precisa do grupo para dar significado às suas ações e maximizar o seu impacto para além dos efeitos em si. Sem a organização, o terrorista é só um assassino com um carro e uma arma branca. De forma semelhante, o *Daesh* precisa dos lobos solitários para mostrar ao mundo qual o seu alcance e esfera de influência. O lobo precisa da alcateia tanto quanto a alcateia precisa do lobo (Greene, 2017).

⁴ Os vários atentados em igrejas do Sri Lanka no domingo de Páscoa provocaram mais de 250 mortos (Amarasingam, 2019, p. 1).

⁵ Em 27 junho 2019, dois atentados simultâneos na Tunísia provocaram pelo menos um morto e oito feridos (González, 2019)

Os 511 e 436 detidos por terrorismo *jihadista* na Europa, respetivamente em 2018 e 2019 (EUROPOL, 2020, p. 33) continuam a ser números elevados, o que prova que a intenção de perpetrar atentados ainda existe.

4.2.2. Combatentes estrangeiros e retornados

O fenómeno dos CE é já conhecido. Muitas zonas de conflito atraíram no passado estrangeiros, como a *Bósnia*, *Chechénia*, *Afeganistão* e *Paquistão*, etc. Atualmente, o que faz único o fenómeno dos CE é o número (Figura 5) sem precedentes mobilizado para os conflitos na Síria e no Iraque. Importa entretanto realçar que muitos destes CE (incluindo os que são cidadãos europeus) estão a voltar (RAN, 2017, p. 15).

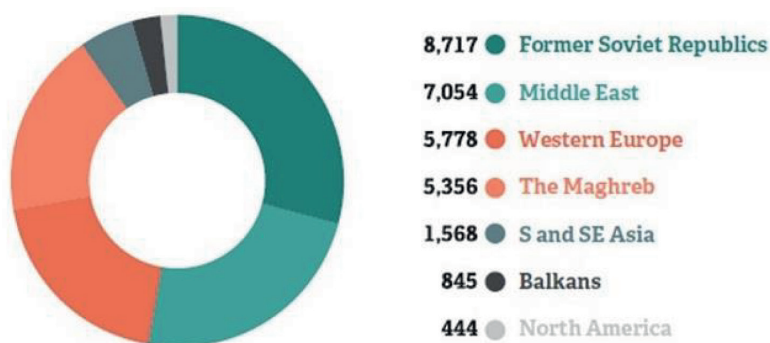


Figura 5 – Número de Combatentes Estrangeiros por região

Fonte: SG (2017, p.11).

Mas, o que é que leva estas pessoas a deixar a sua vida e o seu país de origem para lutar numa guerra noutra terra? Que motivações e fatores influenciam este fenómeno?

Borum e Fein (2017, p. 250) explicam como a motivação é um dos mais importantes desafios na hora de mobilizar pessoal para desenvolver e manter uma campanha militar. Aplicando esse racional aos CE, a questão levantada não tem uma resposta simples, pois a motivação compreende quer fatores *push* (como a falta de integração) quer fatores *pull* (como a defesa de uma identidade de grupo).

Com efeito, os mecanismos de radicalização são um produto da interação destes fatores, existindo diferentes graus de velocidade de radicalização. Não há uma causa única que conduza à radicalização e ao extremismo violento, mas um caleidoscópio de fatores e numerosas combinações individuais (RAN, 2016, pp. 1,3,4).

Observando ao sucesso inicial do *Daesh*, percebe-se como muitos seguidores que desejavam unir-se ao grupo faziam-no com a perspetiva de pertencerem a um novo Estado que lhes iria fornecer o que não encontravam em casa (SG, 2015, p. 20). À medida que a sua capacidade de controlar o território diminuía, a sua habilidade para recrutar via-se reduzida a indivíduos principalmente motivados a lutar ou perpetrar atentados terroristas. Esta tendência, juntamente com as medidas dos Estados para o controlo de CE, conseguiu quase interromper o fluxo de CE (CSNU, 2018a, p. 5).

Qual é, então, a ameaça que estes trazem para a segurança da UE?

Os CE retornados têm tido, muito a ver com a execução dos atentados de Bruxelas (2014- museu judeu; 2016- aeroporto e estação de metro), bem como os ataques de Paris, em novembro 2015. Segundo o estudo de Vidino, Marone e Entermann (2017, pp. 15-16), apenas 18% dos autores dos 51 atentados perpetrados entre junho 2014 e junho 2017, eram retornados, porém, estes ataques foram os de maior letalidade. Merece igual destaque o facto de que tiveram lugar em 8 países distintos: França (17); EUA (16); Alemanha (6); Reino Unido (4); Bélgica (3); Canadá (3); Dinamarca (1); e Suécia (1). Ou seja, 32 ataques na Europa (63%) e os 19 restantes nos EUA (37%). Por último, ainda de acordo com aquele estudo, importa referir que 73% dos autores eram cidadãos do país no qual perpetraram o ataque.

O que irá acontecer com os CE ainda vivos que foram unir-se às fileiras do *Daesh*?

Importa realçar que as contas no respeitante aos CE podem ser contraditórias: No final de 2017, a CID estimava que havia menos de mil terroristas na área de operações da Síria oriental e do Iraque ocidental (UNODC, 2018, p. 6). Segundo um relatório de outubro de 2017 do SG (2017, p. 5), o fluxo de CE tinha diminuído drasticamente, à medida que o *Daesh* perdia território e os Estados implementavam medidas para evitar as viagens ao Califado. Surpreendentemente, segundo uma Agência de Defesa Americana, o grupo controlava: (1) até 30 mil combatentes em agosto de 2018 (Cafarella, Wallace & Zhou, 2019, p. 8); e (2) segundo o relatório da ONU de agosto 2020, mais de 10 mil combatentes do *Daesh* permanecem ativos na Síria e no Iraque, em forma de pequenas células que circulam livremente através das fronteiras.

Portanto, como indica a reflexão de Hassan Hassan (co-autor do livro: *ISIS: Inside the Army of Terror*), o número de CE no tocante ao *Daesh* pode ter sido inflacionado, no sentido de que há uma intenção de aumentar as cifras, a fim de se justificar a presença de tropas na Síria (Gutiérrez, 2017). Fará sentido, sobretudo, tendo em mente que a retirada das forças militares norte-americanas do Iraque em 2011 supôs que o Estado Islâmico do Iraque (AQI, antecessor do *Daesh*) pudesse recuperar da importante derrota militar infligida pelos EUA e pelas tribos sunitas (Fuente, 2018, p. 11).

Há centenas de CE de diferentes países nas prisões de Síria e do Iraque, bem como mulheres e crianças em campos de refugiados, sendo vários os países que manifestaram a preocupação sobre trazer de volta CE experientes do *Daesh*, e a dificuldade em recolher provas para apoiar investigações e procedimentos penais. Importa ainda sublinhar que a ONU tem manifestado preocupação face à saída dos retornados da prisão (BBC, 2019), onde se incluem centenas de cidadãos Europeus (incluindo mulheres e menores) e, apesar do carácter de vítima de muitos deles, a possibilidade de que tenham recebido treino, suscita preocupação no sentido da potencial ameaça que podem constituir no futuro (EUROPOL, 2019, p. 7).

4.2.3. Imigração, terrorismo e xenofobia

Simcox (2018, p. 1) salienta como 44 refugiados ou requerentes de asilo estiveram envolvidos em 32 conspirações que resultaram em 814 feridos e 182 mortos no período 2014-2017. Cerca de 16% das conspirações *jihadistas* na Europa, contaram com a participação de refugiados ou requerentes de asilo. O *Daesh* teve ligação com a maioria das conspirações, sendo a Alemanha o país mais afetado.

O objetivo dos ataques terroristas na Europa nos últimos anos torna-se evidente à luz dos antecedentes: provocar um forte sentimento antimuçulmano em forma de crimes de ódio,

alienação e afastamento social, e o triunfo da direita e extrema direita com fortes sentimentos anti-islâmicos e anti-planos de imigração (Bin Sudiman, 2017, p. 10). Em 15 março de 2019, na Nova Zelândia, assistiu-se ao melhor exemplo do triunfo desta estratégia dos terroristas, de que resultou o assassinato de 51 pessoas em duas mesquitas. Desta forma, Brendon Tarrant, o autor, terá publicado um manifesto, onde referiu que um dos seus objetivos estratégicos era “incitar à violência, à retaliação e à divisão entre a gente da Europa (Ocidente) e os invasores que atualmente ocupam solo europeu” (Macklin, 2019, pp. 18-21). De facto, o CSNU (2019, p. 3) indica como os ataques em locais de culto, como o referido, oferecem uma narrativa de conflito interconfessional progressiva.

Esta polarização, apresentada no parágrafo anterior, permite aos terroristas alimentarem-se dela e explorá-la (Byman, 2019). Neste contexto, o *Daesh* tem sido muito hábil na sua estratégia, aproveitando a dinâmica de recrutamento-ataque-xenofobia, a qual irá criar um ciclo de ódio nos países-alvo inimigos do grupo. Adicionalmente, alimentará potenciais recrutas e seguidores, ao mesmo tempo que contribuirá para exacerbar a rejeição contra a comunidade muçulmana (Guo, 2015).

Beck et al. (2017, pp. 83, 98), através de um estudo científico que analisa seis países⁶, afirmam que a imigração é um só dos muitos fatores que podem conduzir a um incremento de terrorismo, resultando numa espécie de ligação física, uma “ponte” que possibilita a viagem de uma ideologia, uma cultura, e sobretudo, dos indivíduos necessários para transferir o extremismo dos países com problemas de terrorismo para regiões que previamente não estavam afetadas por este mal. Porém, Bove e Böhmelt (2016, p. 25), indicam que um incremento da imigração, quando não está vinculada a países propensos ao terrorismo, está ligado a um menor nível de ataques terroristas.

Neste quadro de ameaças, não pode ser esquecido que muitos dos autores dos atentados terroristas, ocorridos na UE nos últimos anos, eram nacionais europeus, descendentes de cidadãos originários de países do Médio Oriente, quer em segunda quer em terceira geração, e que foram educados num sistema ocidental, que supostamente tinha que os integrar (Sarcinchi, 2016; Nail, 2016). É neste quadro, que os terroristas usam comunidades de primeira ou segunda geração como polo de expansão do seu alcance para outros países mediante a radicalização e recrutamento de migrantes recentes (Beck et al., 2017, p. 83), passando a Europa a ser uma plataforma de replicação de efeitos para se atingir os objetivos do grupo.

4.2.4. Síntese conclusiva e resposta à QD2

A disponibilidade de instruções *jihadistas* na *internet*, uma potente narrativa, a simplicidade no planeamento e execução, juntamente com o fácil acesso a ferramentas *low-cost*, fazem desta *jihad* individual, uma séria ameaça difícil de prever e neutralizar. A diminuição de atentados, quando avaliada juntamente com a vontade de atacar, em conjunção com o número de detidos, revelam um período de incertezas para Europa.

Importa dizer que o *Daesh* explora, de forma muito hábil, as pessoas vulneráveis das gerações descendentes de imigrantes presentes na Europa. Mediante o ciclo de ódio recrutamento-ataque-xenofobia, tenta polarizar a população para tirar vantagem, legitimar a sua causa e conseguir

⁶ Alemanha, Turquia, Grécia, EUA, Canadá e Austrália.

recrutas, passando assim a ter uma plataforma de replicação de efeitos ao seu dispor.

Segundo o analisado e, em resposta à QD2: Quais os efeitos da propaganda nas audiências-alvo? conclui-se que os lobos solitários, CE, retornados e células clássicas, juntamente com a polarização da sociedade, mediante o ciclo de ódio recrutamento-ataque-xenofobia, constituem os efeitos da propaganda do *Daesh*.

4.3. Combate aos efeitos da propaganda do *Daesh*: o papel dos instrumentos militar e policial

4.3.1. Resposta militar

Quando as potências mundiais (a CID, por um lado, e o governo Sírio e os seus aliados por outro) analisavam qual a estratégia a seguir para combater o *Daesh* no terreno, tiveram o cuidado de considerar as experiências passadas no próprio Iraque e no Afeganistão, pelo que resolveram que o emprego da “asfixia”, no sentido de privar o grupo dos seus recursos, forçando-o a lutar em várias frentes até por fim às suas reservas (Calvo, 2016, pp. 83, 90, 91), era a escolha certa. O modelo “treinar, aconselhar e possibilitar” (TAP) foi concebido, através de um contingente de forças ocidentais que iria treinar as forças locais, aconselhando-as e fornecendo-lhes as capacidades de combate necessárias para assegurar a derrota do *Daesh* (Garamone, 2019).

A CID definiu cinco linhas de esforço para combater o grupo: (1) providenciar apoio militar aos parceiros militares; (2) impedir o fluxo de CE; (3) neutralizar o financiamento do *Daesh*; (4) responder às crises humanitárias na região; e (5) expor a verdadeira natureza do *Daesh* (GAO, 2017, p. 11).

Neste ponto, importa sublinhar que é a ideologia a parte mais importante do Centro de Gravidade do *Daesh*, possibilitando a sobrevivência deste tipo de organizações terroristas (Habeck et al., 2015, pp. 10-11), em linha com o racional do General Dunford, ao referir que “é o fluxo de CE, bem como a habilidade para mobilizar recursos e a ideologia, que permitem que estes grupos funcionem” (TDP, 2018).

Por outro lado, não podem ser esquecidos os diversos interesses dos países, por vezes conflitantes e opostos, pois irão condicionar a solução duradoura e coerente dos resultados conseguidos no terreno (Pires, 2016a, pp. 96-97). No caso da Síria, isso é particularmente importante, pois há múltiplos atores com diferentes interesses e agendas, algum deles seguindo o princípio de soma zero.

Com efeito, e segundo Calvo (2016, p. 87), foi a intervenção da Rússia em 2015, que dinamizou as ações dos EUA e dos seus aliados, perante a possibilidade de serem empurrados para segundo plano, começando a incluir no seu processo de *targeting* camiões-cisterna, bancos e depósitos de dinheiro do grupo.

Relacionado com as medidas expostas, o CSNU (2018b, p. 6) argumenta como pode existir uma relação causal entre a derrota militar do Califado do *Daesh* e a diminuição dos ataques na Europa em 2017 e 2018. A capacidade de comando e controlo foi afetada, bem como foram eliminados, mediante ataques seletivos, muitos dos ativos operacionais e os responsáveis pelo planeamento de atentados, incluído o próprio al-Baghdadi (Mackintosh et al., 2019). Embora o líder de *Daesh* tenha sido singularmente apropriado para reviver a glória do passado e expandir o alcance do grupo (Barton, 2019), segundo Seligman (2019),

a sua morte não se traduz num “toque de finados” para a organização, tal como a morte do Bin-Laden não se traduziu no final de Al-Qaeda.

Importa frisar o esforço realizado no respeitante à linha (3), neutralizar o financiamento, pois, ao contrário de muitos grupos terroristas, o *Daesh* tinha uma população à qual podia cobrar impostos, e um território a explorar, quer extraindo recursos naturais, quer confiscando propriedades, ou assaltando bancos e lojas. Portanto e, conforme se mostra na Figura 6, as perdas territoriais tiveram um impacto significativo na capacidade do *Daesh* para gerar riqueza (IHS Markit, 2017), sendo que as ações específicas dirigidas pela CID têm tido um grande impacto nas finanças do grupo (Heißner et al., 2017, p. 12).

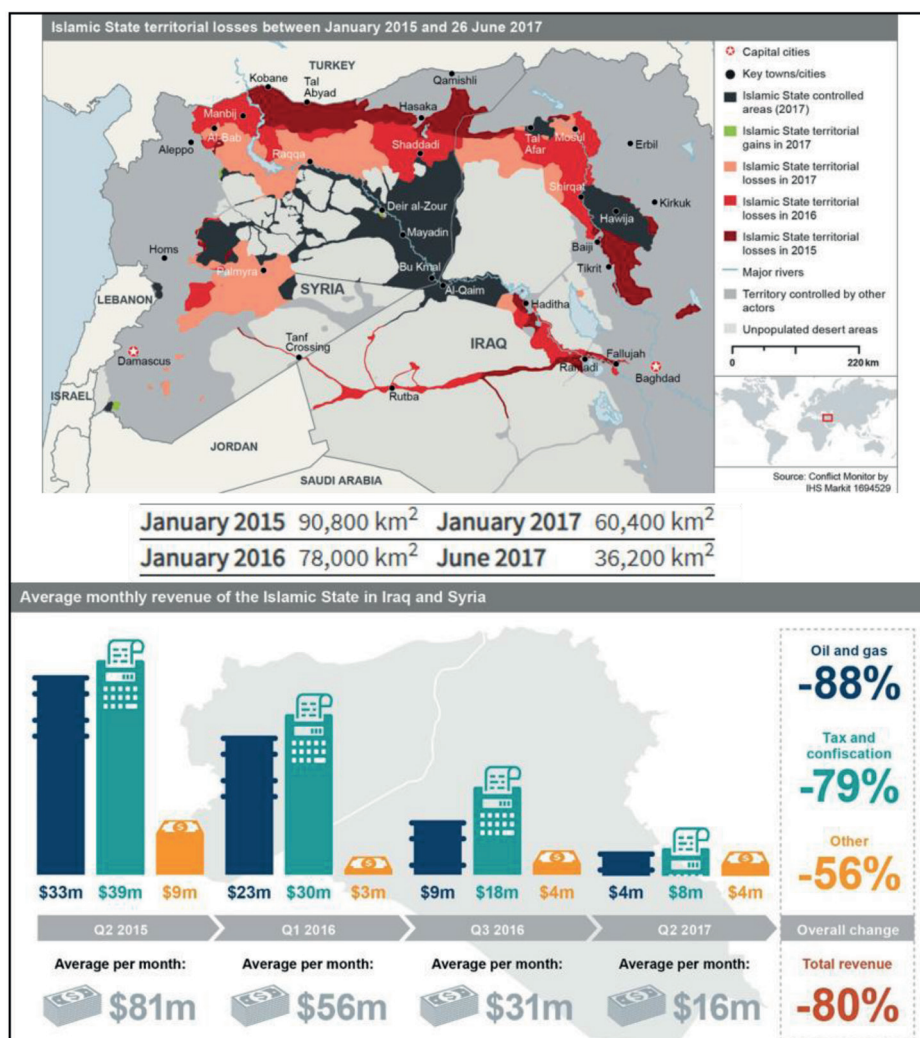


Figura 6 – Relação entre o controlo de território e descida dos rendimentos do *Daesh*, 2015-2017

Fonte: Adaptado a partir de IHS Markit (2017).

Assim e, mediante a panóplia de medidas do instrumento militar contidas no Quadro 2, conseguiu-se acabar com a posse de território do grupo e contribuiu-se para a diminuição dos seus ataques na Europa.

Quadro 2 – Contributo do instrumento militar na luta contra o *Daesh* segundo as linhas de esforço da Coligação Internacional

Linha (1): providenciar apoio militar aos parceiros militares 1.1. Asfixia: ataques conjuntos de todas as Potências mundiais (Calvo, 2016, p. 91). Importa dizer que existem dois eixos diferenciados (Americano-Saudi Arábia VS Russo-Sírio-Iraniano) e que o princípio da soma zero está presente nos cálculos que as nações fazem para ajudar os seus aliados, e, quando se alinham os interesses dos Estados na luta contra o terrorismo, resultou na derrota do <i>Daesh</i>. Como expõe Milosevich-Juaristi (2017), a Rússia apoiou o seu antigo aliado na luta contra os rebeldes sírios e, no caminho, atacou o <i>Daesh</i>. O Presidente Putin recuperou o status de líder internacional, e amorteceu o impacto negativo do assunto da Ucrânia. 1.2. Ataques aéreos contra infraestruturas do grupo, bem como a infraestruturas de produção de média; lançamento da Operação <i>Tidal Wave II</i>, em outubro 2015, cujo objetivo era alvejar infraestruturas de petróleo, sistemas de transporte e depósitos de dinheiro (Heißner et al., 2017, p. 12). 1.3. Eliminação de operacionais qualificados (Milton, 2018). 1.4. Eliminação de líderes (Calvo, 2016) - incluído o próprio líder de <i>Daesh</i>, Abu Bakr al-Baghdadi (Mackintosh et al., 2019). 1.5. Modelo <i>Train, Advise and Enable</i>, através de um contingente de forças ocidentais que iria treinar as forças locais, aconselhando-as, e fornecendo as capacidades de combate necessárias para assegurar a derrota do <i>Daesh</i> (Garamone, 2019). Importa realçar que as opiniões públicas ocidentais não são da ideia de que os seus soldados estejam em países terceiros para manter longas campanhas de contrainsurgência, pois os exércitos profissionais europeus e americano têm-se mostrado pouco adequados para tal (Calvo, 2016, p. 83). O modelo <i>Train, Advise and Enable</i>, está em linha com este racional. 1.6. Operações cinéticas lideradas pelas forças locais: amplo espetro de meios militares (Pires, 2016a).
Linha (2): impedir o fluxo de Combatentes Estrangeiros A CID mantém colaboração estreita para evitar o fenómeno dos CE, - quer aqueles que estão detidos, quer outros que estão ocultos e à espera -, no intuito de que não possam voltar ao campo de batalha, nem a outro local onde possam planear ataques internacionais. A partilha de informação entre todos os parceiros sobre os CE do <i>Daesh</i> e seus movimentos é chave para combater este fenómeno, o que inclui a INTERPOL, em conformidade com os acordos alcançados na sexta revisão da estratégia das Nações Unidas contra o <i>Daesh</i>. Sublinhando a importância de proibir qualquer forma de apoio direto ou indireto que facilite o movimento de CE, conforme às resoluções do CSNU (USDOS, 2019).
Linha (3): neutralizar o financiamento do <i>Daesh</i> 3.1. Decisão do governo iraquiano em agosto de 2015 de deixar de pagar salários aos funcionários públicos que estavam em territórios controlados pelo grupo (Heißner et al., 2017, p. 12) 3.2. Esforços contínuos para diminuir o contrabando com a Turquia e as áreas sob controlo dos Curdos no Iraque (Heißner et al., 2017, p. 12). 3.3. As operações cinéticas e os ataques aéreos contra infraestruturas de petróleo, sistemas de transporte e depósitos de dinheiro da linha 1.2, resultaram em perda de território e recursos. Como o <i>Daesh</i> baseava o seu financiamento no território (através de taxas, impostos, saques e recursos), acabando com o seu controlo, afetaram-se as suas finanças (Heißner et al., 2017).
Linha (4): responder às crises humanitárias na região A CID tem incentivado aos seus membros a arrecadar fundos na ordem de 20 mil milhões de dólares em ajuda humanitária e para a estabilização, em apoio dos sírios e iraquianos. Desta maneira, tem treinado e fornecido equipamento a mais de 210 mil funcionários das forças de segurança para aliviar o sofrimento e estabilizar as comunidades locais, importando sublinhar que este esforço veio a grande custo, pois dezenas de milhares de parceiros sírios e iraquianos têm sido mortos neste combate, e, pelo menos, 46 membros da CID (USDOS, 2019)

Apesar desta derrota militar, há Estados membros da ONU que estimam que as causas subjacentes do terrorismo estão presentes e talvez de forma mais grave do que anteriormente. É, portanto, provável que qualquer redução dos atentados seja temporária, até que o *Daesh* consiga recuperar e reorganizar-se. Destarte, os Estados membros fazem uma distinção entre a diminuição do número de ataques bem-sucedidos e o nível constante de atividade de

inspiração terrorista, o que sugere que o que levou a esta calma relativa não foi uma perda de motivação dos terroristas, mas a perturbação da capacidade do *Daesh* para planejar e executar ataques (CSNU, 2018b, p. 6).

4.3.2. Resposta Policial

Dos mais de 5 mil CE que viajaram da Europa para a Síria e Iraque entre 2011-2016, cerca de 1.200 terão voltado (PE, 2018, p. 31). A letalidade das ações depende do nível de treino e da capacidade para obter armas e explosivos, tendo resultado em ataques complexos e bem preparados, como os de Paris e Bruxelas, e ainda no recurso aos “lobos solitários” (Navarrete, 2016, p. 106).

Em 2005, o Conselho da UE adotou a estratégia global contra o Terrorismo no intuito de contribuir para uma Europa mais segura. Esta estratégia assentou em quatro pilares básicos: (1) prevenir; (2) proteger; (3) perseguir; e (4) responder (Consilium, 2018a). Segundo o SIGC (*op. cit.*), as mudanças legislativas feitas na UE a partir da resolução 2178 das Nações Unidas, e a criação de ferramentas como a *Internet Referral Unit* (IRU) da EUROPOL, têm possibilitado que o combate contra o *Daesh* tenha sido mais eficaz.

Na perspetiva dos recursos humanos, é impossível controlar continuamente todas as pessoas com antecedentes criminais (Gutiérrez, 2018). Dado os elevados números envolvidos na questão, o problema para as autoridades reside na priorização de alvos, e em estabelecer uma abordagem caso a caso (SG, 2017, p. 26). Em todo o caso, potenciar a figura do coordenador da luta contra o terrorismo na UE (Consilium, 2020), contribuiria para a melhoria do sistema.

A parte mais importante do trabalho policial contra o terrorismo é impedir que um ataque aconteça, o que acarreta uma componente de *intelligence* muito marcada, e a procura de sinergia, cooperação e coordenação necessárias para tal (SIGC, *op. cit.*). Destarte, para as autoridades, a vigilância via *internet* nesta era digital, torna-se essencial.

Neste quadro da cooperação, a operação *Tajmil* da *Guardia Civil* contra a propaganda do *Daesh*, permitiu conseguir informação sensível e identificar utilizadores em 133 países, possibilitando o desenvolvimento de uma operação internacional coordenada pela EUROPOL em abril de 2018, que conseguiu afetar parte do aparelho de propaganda do *Daesh* (GC, 2018). Registou-se um bloqueio simultâneo e ataque às plataformas de propaganda do grupo, tais como AMAQ, al-Bayan radio, *Halumu* e *Nashir news*. Embora a atividade destas fosse reativada pouco após, o objetivo real da operação era a informação contida nos servidores, que iria permitir analisar de forma aprofundada quem é que estava por detrás da propaganda, quem a recebia, e, portanto, quem era uma potencial ameaça terrorista. Os vetores usados para disseminar o conteúdo terrorista conjuntamente com o conhecimento das *Tactics, Techniques and Procedures* (TTP) dos *jihadistas*, terão permitido desenhar um mapa de quem faz o quê na guerra *online*, em linha com o que o grupo tem travado para radicalizar potenciais recrutas (Bussoletti, 2018).

A Figura 7, dá-nos uma imagem da eficácia da luta contra o terrorismo na Europa. Segundo os números apresentados, Itália não tem sofrido ataques terroristas graves até hoje, o que deve ser analisado, pois é um ponto de acesso de migrantes, como também é o expoente das nações da “cruz” (católicas).

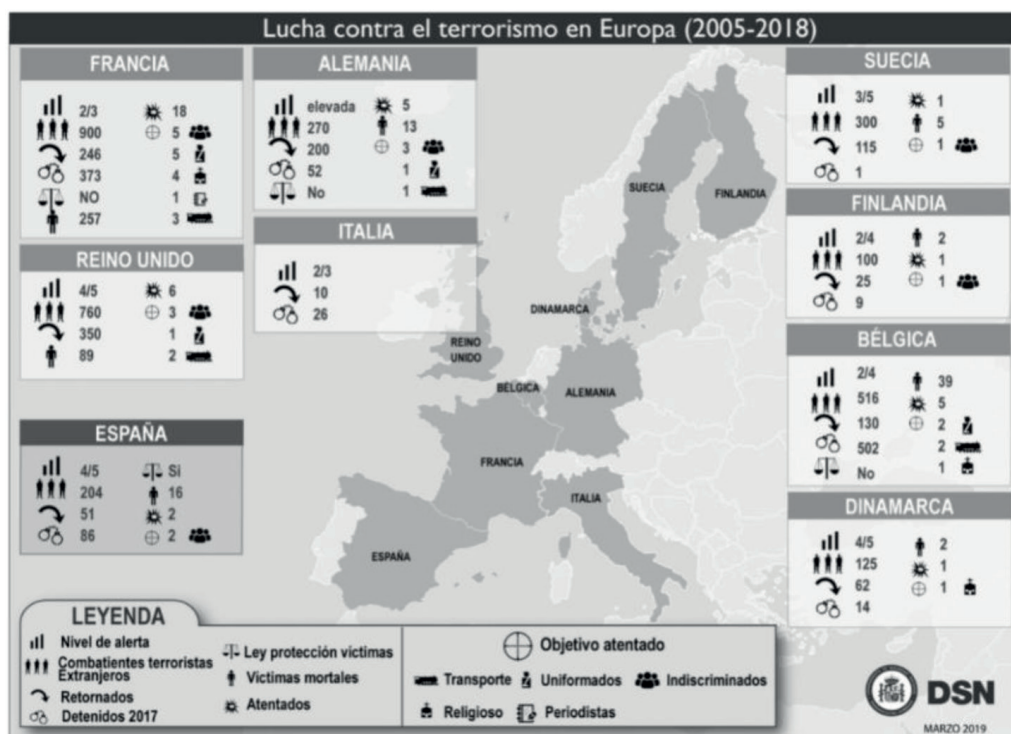


Figura 7 – Luta contra o terrorismo na Europa (2005-2018)

Fonte: DSN (2019).

Segundo vários especialistas em terrorismo (onde se incluem Lorenzo Vidino e Edward Luttwak), o emprego alargado das deportações administrativas, juntamente com leis restritivas, no que diz respeito à nacionalidade, representam fatores importantes que ajudam a elucidar o porquê desta incidência terrorista quase nula em Itália, que de facto, até hoje, tem evitado atentados no seu território. É, aliás, curioso que o emprego destas medidas não tem suscitado muito debate no país (Marone, 2017). Para além do exposto, Vidino sublinha que os autores de ataques no Ocidente têm sido quase exclusivamente cidadãos de segunda geração, sendo que a Itália mal possui uma segunda geração (Montgomery, 2016).

Como corolário do acima analisado, no Quadro 3 encontram-se os contributos do instrumento policial na luta contra o *Daesh*.

Quadro 3 – Contributo do instrumento policial na luta contra o *Daesh* e medidas legislativas

Importa dizer que o **instrumento policial** e as **medidas legislativas implementadas na UE** têm possibilitado um combate eficaz contra o *Daesh*, conforme exposto ao longo da análise de resultados:

- (1) coordenação entre Agências (SIGC, *op. cit*);
- (2) partilha de informação (Consilium, 2018b; SIGC, *op. cit*);
- (3) monitorização da atividade terrorista (*internet*) (EUROPOL, 2016; SIGC, *op. cit*);
- (4) monitorização da atividade de células clássicas (SIGC, *op. cit*);
- (5) controlo de fronteiras (PE, 2018);
- (6) controlo de armas (PE, 2018);
- (7) controlo de explosivos e precursores (PE, 2018);
- (8) criação da IRU (EUROPOL, 2016; SIGC, *op. cit*);
- (9) criação do Centro Europeu na Luta Contra o Terrorismo (CELCT) (Consilium, 2018b);
- (10) nomeação de um novo comissário para a UE de segurança (Consilium, 2018b);
- (11) tipificação penal de atos, tais como o treino ou viagem com fins terroristas, a organização destas viagens, e o fornecimento ou recolha de fundos relativamente a grupos ou atividades terroristas (Consilium, 2018b);
- (12) a luta contra a radicalização *online* (Consilium, 2018b);
- (13) criação de órgãos policiais especializados contra o terrorismo (SIGC, *op. cit*);
- (14) criação de órgãos judiciais especializados, como a *Audiencia Nacional* em Espanha, que é competente para julgar crimes de terrorismo (SIGC, *op. cit*).

A figura do coordenador da luta contra o terrorismo na UE, que é responsável por (Consilium, 2020):

- (1) coordenar os trabalhos do Conselho na luta contra o terrorismo;
- (2) apresentar propostas de ação e prioridades;
- (3) supervisionar a aplicação da estratégia antiterrorista da UE;
- (4) dispor de um panorama da situação ao nível europeu, informando o Conselho e acompanhando a evolução das decisões deste órgão;
- (5) coordenar as suas tarefas com os órgãos preparatórios do Conselho, a Comissão e o Serviço Europeu de Ação Externa;
- (6) assegurar que a UE participa ativamente na luta contra o terrorismo;
- (7) promover a melhoria da comunicação entre a UE e países terceiros;
- (8) trabalhar em estreita colaboração com as instituições da UE, no intuito de promover a luta no âmbito da UE contra o terrorismo.

Segundo o Consilium (2020), o coordenador da luta contra o terrorismo na UE opera em conformidade com as três prioridades antiterroristas: (1) garantir a segurança dos cidadãos; (2) combater a radicalização; e (3) cooperar com parceiros internacionais.

4.3.3. Futuro de incertezas

Segundo Cafarella et al. (2019, p. 8), o *Daesh* está longe de ser derrotado, apesar da perda total de território do chamado Califado na Síria e no Iraque. De facto, as autoridades iraquianas têm expressado a sua preocupação face à incapacidade do governo para fornecer os serviços básicos. A exploração, quer das debilidades e falhas do governo iraquiano, quer das tensões sectárias, reproduzem as condições que o *Daesh* explorou para surgir e conquistar território no Iraque (Fine et al., 2019, p. 8).

Apesar dos efeitos que a COVID-19 está a ter no mundo e seus habitantes, segundo De la Corte e Summers (2021, pp. 40, 54), a ameaça terrorista não registrou qualquer alteração importante, pois o número de ataques quando comparados os anos 2019 e 2020, revela um incremento a nível global, mesmo com a pandemia (Figura 8).

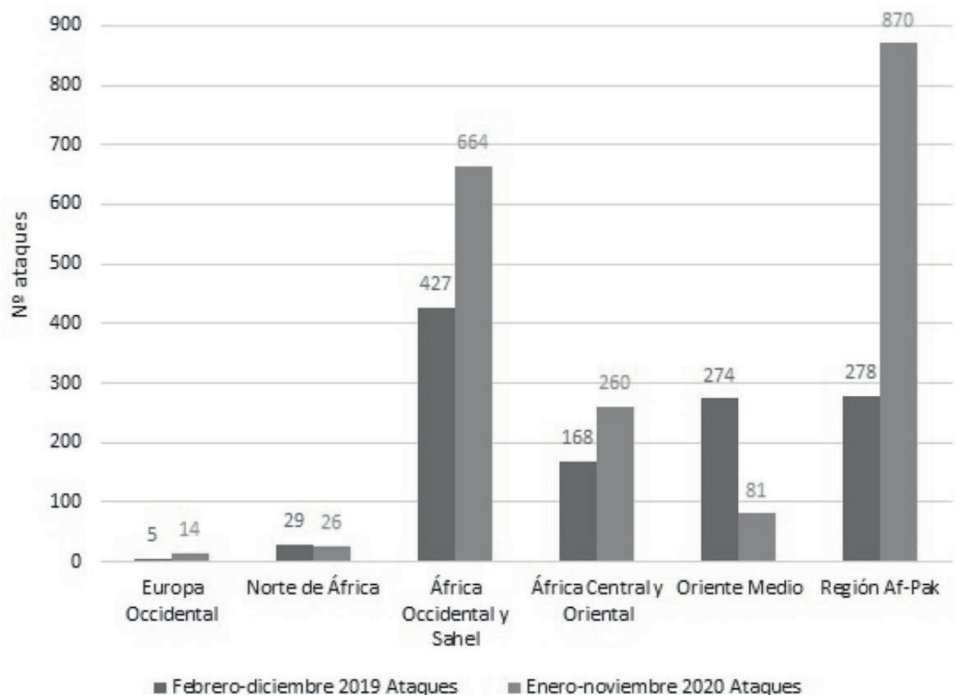


Figura 8 – Frequência de ataques jihadistas, 2019-2020

Fonte: De la Corte e Summers (2021, p. 40).

Por outro lado, durante o 2020, o protagonismo do *Daesh* tem passado às suas filiais e franquias (como o Estado Islâmico de África Ocidental), continuando com a dinâmica de descentralização iniciada com a derrota do grupo (Igalada & Summers, 2020, pp. 2, 3).

Os ataques na Europa continuaram em 2020 (Figuras 4 e 8), o que prova a determinação, intenção e vontade dos terroristas, mesmo nesta conjuntura da pandemia.

Neste sentido, Nesser (2018) sublinha como é um erro comum avaliar a ameaça em termos dos ataques executados, pois deve-se, entre outros aspetos, olhar também às conspirações frustradas pelas forças policiais. Para além dos sete ataques perpetrados em 2018, os Estados membros da UE informaram que houve 16 conspirações frustradas (Figura 9), o que é prova da efetividade dos esforços contra o terrorismo. Contudo, importa dizer que este elevado número de conspirações frustradas, juntamente com os esforços do *Daesh* para cometer ataques fora das zonas de conflito, indicam como o nível de ameaça se mantém elevado na UE (EUROPOL, 2019, p. 6).

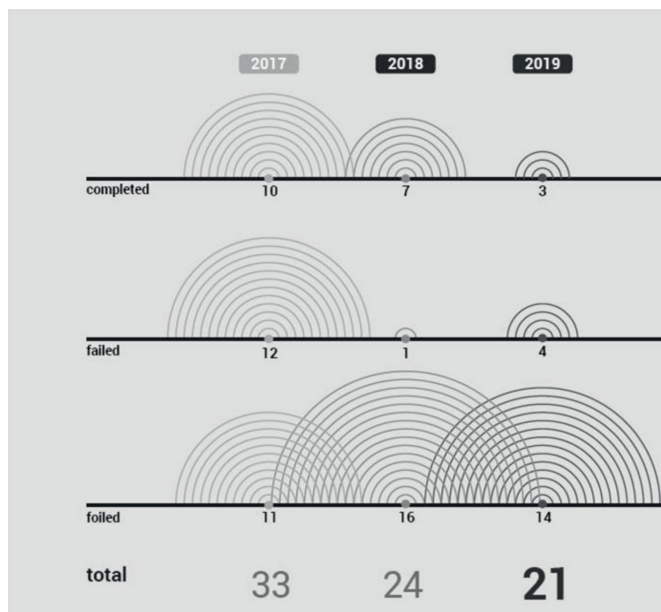


Figura 9-Ataques e conspirações jihadistas em 2017 e 2019

Fonte: EUROPOL (2020, p. 14).

No respeitante à luta contra o terrorismo, Joseph Nye compara-o com o *Jiu-jitsu*, onde o lutador pequeno vence o grande, fazendo com que este último aplique força contra si próprio. Assim, deve ser combinado o emprego do *hard power* e do *soft power*, de onde resultam respostas moderadas. Os instrumentos militar e policial devem ser empregues contra o núcleo duro do terrorismo, pois este não irá mudar de ideias, mas também devem ser implementados programas para atrair aos indivíduos que os rodeiam (PS, 2017), importando frisar que, o êxito depende da capacidade de fazer progressos em áreas não-militares (McInnis, 2016, p. 2).

Por último, como sublinha Pires (2016b, p. 123), contra grupos como o *Daesh*, devem ser empregues respostas multifacetadas, mediante o emprego de vários instrumentos, onde o aparelho militar é mais um, complementar, coordenado e alinhado com os restantes ao dispor dos países e das Coligações Internacionais.

4.3.4. Síntese conclusiva e resposta às QD3 e QD4

O emprego do aparelho militar tem tido resultados decisivos na derrota do *Daesh* no terreno, quer na sua capacidade de comando e controlo, quer na sua habilidade de recrutamento e propaganda, quer ainda no seu financiamento.

A “asfixia” empregue contra o grupo, a fim de acabar com os seus recursos, conjuntamente com o amplo leque de meios militares disponíveis, têm resultado na derrota territorial do *Daesh*. Porém, importa frisar que a relevância desta vitória advém do alinhamento temporário dos países, apesar dos interesses conflitantes das grandes potências. Considera-se assim

respondida à QD3: Qual a resposta militar contra os efeitos da propaganda do *Daesh*?

No campo das sociedades Europeias e do combate policial contra o terrorismo, as ferramentas legais e operacionais implementadas, bem como a cooperação, têm possibilitado frustrar muitas conspirações. Todavia, pese embora o trabalho militar e policial, que têm conduzido a uma descida do número de ataques bem-sucedidos, o nível constante de atividade de inspiração terrorista e o número de conspirações frustradas, provam que existe determinação. Portanto, subsiste a ameaça, embora tenha sido temporariamente afetada a capacidade de planejar e executar atentados. Respondeu-se assim a Q4: Qual a resposta policial contra os efeitos da propaganda do *Daesh*?

A gestão das novas gerações de cidadãos descendentes de migrantes, bem como da audiência de que fazem parte muitos dos terroristas, será fulcral no desenvolvimento de uma Europa mais segura, sem esquecer que é o êxito nas outras áreas não-militares o que irá garantir que a vontade e a ideologia que mobilizam os seguidores do *Daesh* possam eventualmente terminar, e, com estas, o grupo.

5. Conclusões

Nesta investigação foi proposto analisar quais as políticas e ferramentas, nos domínios militar e policial, que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do *Daesh*, o que foi possível mediante um modelo de análise (Quadro 1), que permitiu estruturar a recolha de dados. Da pesquisa surgiram duas grandes conclusões: (1) os esforços antiterroristas nos âmbitos militar e policial têm conseguido acabar com o controlo de território do grupo e, ainda, têm resultado numa diminuição do número de atentados na União Europeia (UE), em consequência do alinhamento temporário das potências mundiais, e fruto da coordenação policial no âmbito da UE; (2) contudo, isto não se traduz numa redução da ameaça, mas apenas num período de transição que revela um futuro de incertezas para a Europa, já que esta fase não resulta de uma perda de motivação dos terroristas, mas da perturbação da sua capacidade para planejar e executar ataques.

Na atualidade, com o grupo em modo de insurgência clandestina na Síria e no Iraque, e uma vez que o Califado físico acabou, levantam-se questões sobre se a organização continua a ser um perigo para o Ocidente. Os atentados na Tunísia e no Sri Lanka, a expansão global através de filiais, e, especialmente, a situação na Síria e no Iraque, alertam-nos que as causas que propiciaram o advento do *Daesh* ainda continuam. O exposto, quando tomado em conjugação com o número de conspirações frustradas, o número de detidos, e os CE prestes a ser libertados ou repatriados, permite-nos considerar que o grupo continuará a representar uma ameaça no futuro.

Neste enquadramento, analisaram-se as ameaças derivadas da propaganda do *Daesh* e o seu combate nos domínios militar e policial, em linha com o OG e a procura de resposta à QC: *Quais as políticas e ferramentas nos domínios militar e policial que têm funcionado contra as ameaças derivadas da propaganda do Daesh?*

Para o efeito, a estratégia de investigação foi de tipo qualitativo, com um reforço quantitativo, assente num estudo de caso como desenho de pesquisa, e raciocínio dedutivo apoiado nos conceitos operacionais de terrorismo, propaganda, ameaça e segurança, segundo

a estrutura de quatro capítulos do nosso modelo de análise. Relativamente à metodologia, a pesquisa assentou numa análise documental de artigos, relatórios tanto da CID como do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), e outras fontes documentais, para além da entrevista semi-estruturada realizada a componentes do *Servicio de Información de la Guardia Civil* (SIGC), sobre a importância da operação *Tajmil* e da operação internacional coordenada pela EUROPOL no combate contra a propaganda do grupo.

Conforme exposto, o grupo tem empregue uma campanha de comunicação planeada e centralizada, uma segmentação de temáticas e mensagens à medida, para influenciar as suas AA e a opinião pública internacional, mediante o emprego de ferramentas de psicologia, de novas tecnologias, da *internet*, e de mecanismos clássicos de comunicação social, criando um novo *terrorismo de marketing* assente em narrativa, justificação, espetáculo, ressonância identitária, alcance, adaptabilidade e expansão global. Desta forma, logrou-se atingir o OE1: *caracterizar a propaganda do Daesh*.

Quanto ao OE2, analisar os efeitos da propaganda do *Daesh* nas suas AA, temos visto como o primeiro destes efeitos se materializa nos lobos solitários. A *jihad* individual traduz-se na ferramenta perfeita dos grupos terroristas para operar no Ocidente, e o *Daesh* não é exceção. Com efeito, concomitantemente à perda de território e às derrotas militares, o grupo apelava à condução de ataques no Ocidente e na Europa, com a combinação ideal de fatores: (1) isolamento operacional, o que dificulta a deteção dos ataques e os torna imprevisíveis; (2) ferramentas de baixo custo, como viaturas e armas brancas, de fácil acesso; (3) instruções para cometer e reivindicar os ataques, o que iria associar um ataque inspirado pelo *Daesh* como próprio, estendendo o seu alcance e influência, disseminando assim a ideia de que estão em todo o lado.

Milhares de indivíduos foram mobilizados para a guerra. Destes, 5 mil eram procedentes da Europa, 1.200 dos quais terão voltado. À luz dos antecedentes e levando em consideração que estes ataques foram os de maior letalidade, devido à experiência dos seus autores, impera usar os dados objetivos sobre ataques e rotas, para estabelecer políticas e controlos que possibilitem ajudar aqueles que fogem da guerra, e detetar e prender os restantes que pretendem atacar a Europa, aproveitando-se do sofrimento alheio.

A estratégia do *Daesh* é eficaz: Tenta confrontar os europeus, criando um clima de receio e provocando um sentimento antiumano em forma de crimes de ódio, afastamento social e alienação, polarizando a sociedade, o que lhes possibilita manipular pessoas vulneráveis das gerações descendentes de migrantes, como plataforma de efeitos para atacar Europa. A imigração tanto pode constituir uma ponte para o terrorismo, como pode ser geradora de xenofobia, chegando-se a relacionar diretamente o Islão com os atentados, questão que o *Daesh* procura e explora, o que permite ter acesso a uma fonte de recrutas entre os que percebem os agravos que a própria organização fomenta, fruto dos fatores *pull* e *push* presentes na sociedade.

Em consequência deste ciclo de ódio xenofobia-recrutamento-ataque, verificou-se um grande número de nacionais europeus envolvidos em atentados. Efetivamente, entre junho de 2014 e junho de 2017, 73% dos autores eram cidadãos do país onde foi perpetrado o ataque. Além disso, nas prisões da Síria e do Iraque encontram-se inúmeros CE, bem

como mulheres e crianças em campos de refugiados, muitos dos quais podem ter recebido formação, com a agravante de muitos deles serem europeus. Não pode de forma alguma ser ignorado o fenómeno dos CE retornados, prestes a sair das prisões.

Neste quadro, a solução passa por não contribuir para o afastamento social dos muçulmanos em geral, que é o que o *Daesh* procura para sua dinâmica de recrutamento, mas sim em encontrar os trilhos que possibilitem a segurança da cidadania no seu conjunto, e a integração real daqueles que fazem parte das AA do *Daesh*, ajudando-lhes a não serem vítimas da manipulação da organização.

Os lobos solitários, CE, retornados, e células clássicas, juntamente com a polarização da sociedade mediante o ciclo de ódio recrutamento-ataque-xenofobia, constituem os efeitos da propaganda do *Daesh*. Desta maneira, considera-se atingido o OG2: *Analisar os efeitos da propaganda nas audiências-alvo*.

No tocante ao OE3 e ao OE4, foi analisado o emprego dos instrumentos militar e policial no combate contra as ameaças derivadas da propaganda do *Daesh*. As potências mundiais, a CID e o eixo russo-sírio-iraniano, levaram em consideração as experiências das guerras no Afeganistão e no Iraque, resolvendo que o emprego da “asfixia” era a melhor solução, alinhando-se temporariamente a bem de um interesse maior, apesar das dinâmicas da soma zero presentes nos seus cálculos. Assim sendo, mediante ataques cinéticos, ataques aéreos, eliminação de operacionais qualificados e líderes, e o modelo TAP, conseguiram afetar os recursos do grupo acabando com a posse dos territórios que este detinha. No processo foram afetadas as estruturas de comando e controlo, o que diminuiu a capacidade de conduzir ataques contra o Ocidente. Importa, todavia, dizer que, a eliminação do líder do *Daesh* (al-Baghdadi), embora seja um marco importante, não se traduz no final da organização, tal como a morte de Bin-Laden não conduziu ao final de Al-Qaeda. Atingiu-se assim o OE3, *analisar a resposta militar contra os efeitos da propaganda do Daesh*.

No que diz respeito ao combate policial, a diminuição de ataques e o grande número de conspirações frustradas na Europa pelas forças de segurança, mostram como a cooperação tem sido fulcral. As medidas legislativas coordenadas têm evitado as viagens a zonas de conflito, têm melhorado o controlo das fronteiras e das armas, bem como dos explosivos e seus precursores. Também a monitorização da *internet*, e.g. a criação da *Internet Referral Unit* (IRU), e a partilha de *informações* têm desempenhado um papel importante ao nível da missão das forças policiais. Assim sendo, é atingido o OE4, *analisar a resposta policial contra os efeitos da propaganda do Daesh*.

Considera-se assim respondida a QC, identificando-se o alinhamento temporário das potências mundiais e atores regionais para asfixiar o grupo, a cooperação policial e as medidas legislativas, conseguiram acabar com o controlo do território e das populações locais, bem como diminuíram os ataques na UE. Contudo, esta diminuição de ataques em 2018 não se traduz numa redução da ameaça, mas sim num período de incertezas para a Europa. A vontade de atacar continua, como provam o grande número de detidos, as conspirações frustradas e os ataques executados, mesmo no ano 2020, nesta conjuntura da COVID-19.

Em termos de *contributos para o conhecimento*, os Quadros 2 e 3 permitiram atingir o

objetivo desta investigação, conferir quais as políticas e estratégias empregues contra o *Daesh* através do emprego dos instrumentos militar e policial que têm funcionado.

Relativamente às **considerações de ordem prática**, neste combate contra o terrorismo é importante ter respostas moderadas. O *Daesh* é o primeiro interessado em que sejam relacionados o terrorismo e a imigração para provocar excessos. A imigração, quando não está ligada ao terrorismo e é ordenada, é boa para ambos, os migrantes e as sociedades que os acolhem. Mas isto não se deve traduzir em políticas que não sejam assentes em factos. Os dados objetivos e quantificáveis sobre os autores e *modus operandi* dos atentados nos anos recentes, devem servir de guia para garantir a segurança dos cidadãos e, ao mesmo tempo, devem ser respeitadoras do Islão como conjunto de pessoas. O *Daesh* sabe da dificuldade de encontrar o equilíbrio certo, e instrumentaliza os excessos dos Estados, para continuar com o seu ciclo de ódio nas sociedades europeias. Dessarte, seria oportuno potenciar a figura e poderes do coordenador da luta contra o terrorismo da UE, melhorando a prossecução e investigação de crimes.

Quanto às **limitações da investigação**, a divergência dos dados a respeito de um mesmo assunto, foi a maior delas. O melhor exemplo está no número de CE presentes na Síria e no Iraque, que oscila na ordem de vários milhares. Contudo, a tendência mostrada pelos dados divergentes, permitiu ultrapassar esta dificuldade.

O emprego e avaliação dos outros instrumentos ao dispor dos Estados e das Coligações Internacionais, complementares aos aparelhos militar e policial, é uma excelente opção para desenvolver **futuros estudos**, sobretudo, aqueles que se relacionam com os programas de integração dos CE, e as medidas e particularidades dos países que não têm sofrido ataques, como a Itália, e ainda sobre as circunstâncias dos descendentes de imigrantes que acabaram por perpetrar atentados. Conclui-se ser o êxito em áreas não-militares a parte mais importante da resposta multifacetada e holística contra o terrorismo, através de um emprego adequado e conjugado do *soft* e do *hard power*, para que, eventualmente, se possa acabar não só com o poder militar, mas também com a narrativa e ideologia que permitem a estes grupos, como o *Daesh*, sobreviverem.

Referências bibliográficas

- Almukhtar, S. W., & Watkins, D. (2016, 13 de outubro). ISIS Has Lost Many of the Key Places It Once Controlled. *New York Times*. Retirado de <https://www.nytimes.com/interactive/2016/06/18/world/middleeast/isis-control-places-cities.html>
- Amarasingam, A. (2019). Terrorism on the Teardrop Island: Understanding the Easter 2019 Attacks in Sri Lanka. *CTC Sentinel*. Maio-Junho, 1-10.
- Andhika, W. (2017). On social media, ISIS uses fantastical propaganda to recruit members. *The Conversation*. Retirado de <https://theconversation.com/on-social-media-isis-uses-fantastical-propaganda-to-recruit-members-86626>
- Awan, I. (2017). Cyber-Extremism: Isis and the Power of Social Media. *Social Science and Public Policy*, 138-149.

- Barton, G. (2019, 28 de outubro). Baghdadi's death is a huge blow to Islamic State, but history suggests it won't guarantee a safer world. *The Conversation*. Retirado de <http://theconversation.com/baghdadis-death-is-a-huge-blow-to-islamic-state-but-history-suggests-it-wont-guarantee-a-safer-world-125930>
- BBC. (2019, 20 de fevereiro). How many IS foreign fighters are left in Iraq and Syria? *BBC*. Retirado de <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-47286935>
- Beck, E., Diza, U., & Searl, A. (2017). Bridges and Bandits on the Road to the New Jerusalem: A Study of the Correlation Between Immigration and Terrorism. *Channels*, 81-110.
- Bergen, P. (2017, 9 de janeiro). Truck attacks -- a frightening tool of terror, with a history. *CNN*. Retirado de <http://edition.cnn.com/2016/07/14/opinions/truck-attacks-tactic-analysis-bergen/>.
- Berger, J., & Morgan, J. (2015). The ISIS Twitter Census. *The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World*.
- Bin Sudiman, M. (2017). Attacks in Europe: A New Strategy to Influence Hijra to Is Distant Wilayats? *Counter Terrorist Trends & Analysis*, 9(2), 10-13. Retirado de <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=tsh&AN=125451573&lang=pt-br&site=eds-live>
- Borum, R., & Fein, R. (2017). The Psychology of Foreign Fighters. *Studies in Conflict & Terrorism*, 40(3), 248-266.
- Bove, V., & Böhmelt, T. (2016). Does Immigration Induce Terrorism? *Forthcoming, Journal of Politics*, 78(2), 572 - 588.
- Bussoletti, F. (2018, 30 de abril). *Daesh reacts to EUROPOL's maxi cyber offensive, but at what cost?* Retirado de <https://www.difesaesicurezza.com/en/defence-and-security/daesh-reacts-to-europols-maxi-cyber-offensive-but-at-what-cost/>
- Byman, D. (2019). *Five initial thoughts on the New Zealand terrorist attack*. *Brookings*. Retirado de <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/03/15/five-initial-thoughts-on-the-new-zealand-terrorist-attack/>
- Cafarella, J., Wallace, B., & Zhou, J. (2019). *ISIS'S second comeback: assessing the next isis insurgency*. Retirado de <http://www.understandingwar.org/sites/default/files/ISW%20Report%20-%20ISIS%E2%80%99s%20Second%20Comeback%20-%20June%202019.pdf>
- Calvo, J. L. (2016). *Respuesta Militar. Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional. Cuaderno de Estrategia 180*. Instituto Español de Estudios Estratégicos. Retirado de http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_180.pdf
- Caretti, G. (2016, 5 de agosto). *La propaganda del Daesh, el arma más eficaz del 'califato' terrorista*. Retirado de <http://www.rtve.es/noticias/20160805/propaganda-del-daesh-arma-mas-eficaz-del-califato-terrorista/1381785.shtml>
- Consilium. (2018a, 25 de outubro). *Estrategia de la UE de Lucha contra el Terrorismo*. Retirado de Consilium. Conselho Europeu: <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/eu-strategy/>
- Consilium. (2018b). *Respuesta a la amenaza terrorista y a los recientes atentados terroristas en Europa*. Retirado de <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/foreign-fighters/>
- Consilium. (2020, 19 de maio). *Coordinador de la lucha contra el terrorismo*. Retirado de <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/counter-terrorism-coordinator/>

- Convey M. et al. (2017). *Disrupting Daesh. Measuring takedown of online terrorist material and its impact*. VOX-Pol Network of Excellence. Retirado de http://www.voxpol.eu/download/vox-pol_publication/DCUJ5528-Disrupting-DAESH-1706-WEB-v2.pdf
- Cottee, S. (2015, 2 de março). Why It's So Hard to Stop ISIS Propaganda. *The Atlantic*. Retirado de <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/03/why-its-so-hard-to-stop-isis-propaganda/386216/>
- Couto, A. C. (1980). *Elementos de Estratégia- Apontamentos para um curso*. Lisboa: IAEM.
- CSNU. (2018a, 27 de fevereiro). *Twenty-first report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution 2368 (2017) concerning ISIL (Da'esh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. United Nations Security Council. Retirado de http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2018/14/Rev.1&referer=/english/&Lang=E
- CSNU. (2018b, 27 de julho). *S/2018/705 Twenty-second report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution 2368 (2017) concerning ISIL (Da'esh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. United Nations Security Council. Retirado de http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2018/705&referer=/english/&Lang=E
- CSNU. (2019, 15 de julho). *Twenty fourth report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution concerning ISIL (Daesh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. United Nations Security Council. Retirado <https://undocs.org/S/2019/570>
- David, C.-P. (2001). *A Guerra e a paz: abordagens contemporâneas da segurança e da estratégia* (A. Pereira de Silva Trad.) Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-771-410-2.
- De la Corte, L., & Summers, M. (2021). Yihad en tiempos de pandemia. ¿Hasta qué punto ha influido e influirá el coronavirus en el terrorismo y la violencia yihadista. Documento de Investigación. *Instituto Español de Estudios Estratégicos. Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional*.
- DSN. (2019, 4 de abril). *Lucha contra el Terrorismo en Europa 2005-2018*. Departamento de Seguridad Nacional. Retirado de <https://www.dsn.gob.es/es/actualidad/infografias>
- DSN. (2020, 4 de novembro). *Atentados yihadistas con víctimas mortales en Europa (2015-2020)*. Departamento de Seguridad Nacional. Retirado de <https://www.dsn.gob.es/es/actualidad/infografias>
- Duarte, F. (2017). Os Objectivos Estratégicos do DAESH na Europa. *Janus*, 18-19. Retirado de http://janusonline.pt/images/anuario2017/1.5_FelipePDuarte_DAESH.pdf
- Ejupi, V., Siljanovska, L., & Iseni, A. (2014). The Mass Media and Persuasion. *European Scientific Journal*, 10(12), 636-646.
- EUROPOL. (2016). *EU Internet Referral Unit. Year One Report Highlights*.
- EUROPOL. (2019). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2019*.
- EUROPOL. (2020). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2020*.
- Fine, G., Linick, S., & Calvaresi, A. (2017). *Operation Inherent Resolve. Report to the United States Congress*. Retirado de https://oig.state.gov/system/files/lig_oco_oir3_jun2017.pdf
- Fine, G., Linick, S., & Calvaresi, A. (2019). *Lead Inspector General for Operation Inherent Resolve | Quarterly Report to the United States Congress | January 1, 2019 – March 31, 2019*.

- Fuente, I. (2018). Al Qaeda frente al Dáesh: dos estrategias antagonistas y un mismo objetivo. *Instituto Español de Estudios Estratégicos*. Retirado de http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_analisis/2018/DIEEEA21-2018_Al_Qaeda-Daesh_IFC.pdf
- Gambhir, H. (2016). *The Virtual Caliphate: ISIS's Information Warfare*. Retirado de <https://css.ethz.ch/content/specialinterest/gess/cis/center-for-securities-studies/en/services/digital-library/publications/publication.html/36a81f78-8305-4852-8f06-e7996fa2de06>
- GAO. (2017). *Countering ISIS and Its Effects. Key Issues for Oversight*. Retirado de <http://www.gao.gov/assets/690/685908.pdf>
- Garamone, J. (2019, 26 de julho). *ISIS Caliphate Is Gone, But Threat Remains, Dunford Says. U.S. Department of Defense*. Retirado de <https://www.defense.gov/explore/story/Article/1918561/isis-caliphate-is-gone-but-threat-remains-dunford-says/>
- GC. (2018, 27 de abril). *Una operación de la Guardia Civil desarticula parte del aparato de difusión de propaganda de DAESH y permite identificar a miles de usuarios en 133 países*. Retirado de <http://www.guardiacivil.es/ca/prensa/noticias/6582.html>
- González, R. (2019, 28 de junho). Dos atentados consecutivos dejan al menos un muerto y ocho heridos en el centro de Túnez. *El País*. Retirado de https://elpais.com/internacional/2019/06/27/actualidad/1561632515_308128.html
- Greene, A. (2017, 6 de junho). Linking lone wolf killers to Islamic State magnifies the threat – and could inspire future attacks. *The Conversation*. Retirado de <http://theconversation.com/linking-lone-wolf-killers-to-islamic-state-magnifies-the-threat-and-could-inspire-future-attacks-78878>
- Gunaratna, R. (2017). Global Threat Forecast. *UNISCI*(43). Retirado de <https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag-91857/UNISCIDP43-6GUNARATNA.pdf>
- Guo, J. (2015). Hating Muslims plays right into the Islamic State's hands. *Washington Post*. Retirado de https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2015/11/17/isis-wants-you-to-hate-muslims/?noredirect=on&utm_term=.3cddb0d8c155
- Gutiérrez, O. (2017, 13 de outubro). Con el ISIS no salen las cuentas. *El País*. Retirado de https://elpais.com/internacional/2018/10/10/actualidad/1539166181_705500.html
- Gutiérrez, Ó. (2018, 20 de maio). No podemos poner un policía detrás de cada radical fichado. *El país*. Retirado de https://elpais.com/internacional/2018/05/19/actualidad/1526757662_839686.html
- Habeck M. et al. (2015). A Global Strategy for Combating al Qaeda and the Islamic State. *American Enterprise Institute*. Retirado de <https://www.aei.org/wp-content/uploads/2015/12/A-Global-Strategy-for-Combating-al-Qaeda-and-the-Islamic-State-online.pdf>
- Heißner S. et al. (2017). Caliphate in Decline: An Estimate of Islamic State's Financial Fortunes. *The International Center for the Study of Radicalization and Political Violence*. Retirado de <https://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/ICSR-Report-Caliphate-in-Dcline-An-Estimate-of-Islamic-States-Financial-Fortunes.pdf>
- Hoffman, B. (2006). *Inside Terrorism, Revised and Expanded Edition*. New York: Columbia University Press.
- Igualada C. et al. (2018). *Anuario del terrorismo yihadista 2018*. Retirado de <https://observatorioterrorismo.com/wp-content/uploads/2019/03/anuarioterrorismoyihadista2018.pdf>

- Igualada, C., & Summers, M. (2020, julho). Informe Semestral de la actividad Yihadista en 2020. *Observatorio Internacional de estudios sobre terrorismo*.
- IHS Markit. (2017, 29 de junho). *Islamic State Territory Down 60 Percent and Revenue Down 80 Percent on Caliphate's Third Anniversary, IHS Markit Says*. Retirado de IHS Markit: <https://news.ihsmarkit.com/press-release/aerospace-defense-security/islamic-state-territory-down-60-percent-and-revenue-down-80>
- Ingram, H. (2016). Deciphering the Siren Call of Militant Islamist Propaganda: Meaning, Credibility & Behavioural Change. *International Centre for Counter Terrorism, The Hague*.
- Jawhar, J. (2016). Terrorist's use of the internet: the case of Daesh. *The Southeast Asia Regional Centre for Counter-Terrorism (SEARCCT)*. Retirado de https://www.searctt.gov.my/images/Articles_2016/Articles_2017/Terrorists_Use_Internet_Mac_17.pdf
- Jiménez M. et al. (2017). *Anuario del Terrorismo Yihadista 2017*. Retirado de <https://observatoriotorismo.com/wp-content/uploads/2018/02/anuariotorismoyihadista2017.pdf>
- Kalin, S., & Tolba, A. (2016, 31 de julho). As 'caliphate' shrinks, Islamic State looks to global attacks. *Reuters*. Retirado de <https://www.reuters.com/article/us-europe-attacks-is-propaganda/as-caliphate-shrinks-islamic-state-looks-to-global-attacks-idUSKCN10B0IP>
- Lesaca, J. (2015). El efecto viral de la propaganda terrorista islámica. *Nuestro tiempo*, 106-11.
- Mackintosh, E., Griffiths, J., & Ruiz, J. (2019, 27 de outubro). Trump: ISIS leader Abu Bakr al-Baghdadi is dead. *CNN*. Retirado de <https://edition.cnn.com/politics/live-news/abu-bakr-al-baghdadi-isis-intl-hnk/index.html>
- Macklin, G. (2019). The Christchurch Attacks: Livestream Terror in the Viral Video Age. *CTC Sentinel*, 12(6), 18-29. Retirado de <https://ctc.usma.edu/app/uploads/2019/07/CTC-SENTINEL-062019.pdf>
- Mahlouly, D., & Winter, C. (2018). *A Tale of two Caliphates*. VOX-Pol Network of Excellence.
- Marone, F. (2017, 13 de março). The Use of Deportation in Counter-Terrorism: Insights from the Italian Case. *International Centre for Counter-terrorism – The Hague*. Retirado de <https://icct.nl/publication/the-use-of-deportation-in-counter-terrorism-insights-from-the-italian-case/>
- Matejic, N. (2016). Content Wars: Daesh's sophisticated use of communications. *NATO Review*. Retirado de <https://www.nato.int/docu/review/2016/Also-in-2016/wars-media-daesh-communications-solis/EN/index.htm>
- McDowell & Maplecroft, D. (2016). Review: EUROJIHAD: Patterns of Islamist Radicalisation & Terrorism in Europe (Book). *International Affairs*, 92(3), 739-740. Retirado de <http://eds.a.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=4&sid=18bdaf3a-c917-4245-8840-b0ec8c692e71%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbm9cHQtYnImc2l0ZT1lZHMtOGI2ZQ%3d%3d#AN=115160293&db=a9h>
- McInnis, K. J. (2016). Coalition Contributions to Countering the Islamic State. *Congressional Research Service*. Retirado de <https://fas.org/spp/crs/natsec/R44135.pdf>
- Milosevich-Juaristi, M. (2017, 5 de abril). *Reajustando expectativas: Rusia como socio estratégico en la lucha contra el terrorismo islámico*. *Real Instituto El Cano*. Retirado de <http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/edeb131a-b57d-4c2e-91ab-f9fb001af17a/ARI30-2017-MilosevichJuaristi-Rusia-socio-estrategico-lucha->

- terrorismo-islamico.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=edeb131a-b57d-4c2e-91ab-f9fb001af17a
- Milton, D. (2016). *Communication Breakdown: Unravelling the Islamic*. CTC Sentinel. Combating Terrorism Center at West Point.
- Milton, D. (2018). Down but not out: An Updated Examination of the Islamic State's Visual Propaganda. *Combating Terrorism Center at West Point*. Retirado de <https://ctc.usma.edu/down-but-not-out-an-updated-examination-of-the-islamic-states-visual-propaganda/>
- Montgomery, N. (2016, 14 de outubro). Italy deters terrorism with tough citizenship, deportation policies. *Stars and Stripes*. Retirado de <https://www.stripes.com/news/italy-deters-terrorism-with-tough-citizenship-deportation-policies-1.434055>
- Nail, T. (2016). A tale of two crisis: migration and terrorism after the Paris attacks. *Studies of Ethnicity and Nationalism*, 16(1), 158-167.
- NATO. (2015). *Daesh Information Campaign and its Influence*. Riga: Nato Strategic Communications Centre of Excellence.
- Nesser, P. (2018). Europe hasn't won the war on terror. *Politico*. Retirado de <https://www.politico.eu/article/europe-hasnt-won-the-war-on-terror/>
- O'Donnell, S., Klimow, M., & Calvaresi, A. (2020). *Operation Inherent Resolve. Lead Inspector General Report to the United States Congress*. 1 julho 2020-30 setembro 2020.
- ONU. (2018). *The challenge of returning and relocating foreign terrorist fighters*. Organização das Nações Unidas. Retirado de <https://www.un.org/sc/ctc/wp-content/uploads/2018/04/CTED-Trends-Report-March-2018.pdf>
- PE. (2018). *The return of foreign fighters to EU soil*. Parlamento Europeu. Retirado de [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621811/EPRS_STU\(2018\)621811_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621811/EPRS_STU(2018)621811_EN.pdf)
- Pires, N. (2016a). *Resposta ao Jihadismo Radical: Políticas e estratégias para vencer grupos como a Al-Qaeda ou o Daesh*. Alcochete: Nexo Literário.
- Pires, N. (2016b). A Intervenção do Instrumento Militar. Em C. d. Desenvolvimento, *O Daesh. Dimensão, Globalização, Diplomacia e Segurança*. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- POOLRE. (2017). *Terrorism Threat & Mitigation Report*. Retirado de https://www.poolre.co.uk/wp-content/uploads/2017/09/TRAC_TMR-2-17-web-3.pdf
- Pratkanis, A., & Aronson, E. (2001). *Age of Propaganda: The Every Day Use and Abuse of Persuasion. Revised Edition*. New York: W. H. Freeman and Company.
- PS (Realizador). (2017). *Trump and the Liberal World Order, with Joseph Nye* [Filme]. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=1UpBIG4rq00>
- RAN. (2016). *The Root Causes of Violent Extremism*. Radicalization Awareness Network. Retirado de https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/radicalisation_awareness_network/ran-papers/docs/issue_paper_root-causes_jan2016_en.pdf
- RAN. (2017). RAN Manual: Responses to returnees: Foreign terrorist fighters and their families. *Radicalisation Awareness Network*.
- Santos, L., & Lima, J. (Coords.) (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de*

trabalhos de investigação (2^a. ed., revista e atualizada). Cadernos do IUM, 8. Lisboa: Instituto Universitário Militar.

- Sarcinschi, A. (2016). European refugee Crisis: Beyond Prejudice. *Geopolitics and Geostrategies. Trends and Perspectives. Strategic Impact*(2).
- Seligman, L. (2019, 27 de outubro). Baghdadi Is Dead, but ISIS Remains Emboldened Since Trump's Drawdown. *Foreign Policy*. Retirado de <https://foreignpolicy.com/2019/10/27/isis-islamic-state-leader-baghdadi-killed/>
- SG. (2014, 2 de junho). *Foreign Fighters in Syria. The Soufan Group*. Retirado de <http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/06/TSG-Foreign-Fighters-in-Syria.pdf>
- SG. (2015). *Foreign Fighters: An Updated Assessment of the Flow of Foreign Fighters into Syria and Iraq. Soufan Group*. Retirado de http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2015/12/TSG_ForeignFightersUpdate3.pdf
- SG. (2017). *Beyond the Caliphate, Foreign Fighters and the Threats of Returnees*. Soufan Group. Retirado de <http://thesoufancenter.org/wp-content/uploads/2017/11/Beyond-the-Caliphate-Foreign-Fighters-and-the-Threat-of-Returnees-TSC-Report-October-2017-v3.pdf>
- Simcox, R. (2018). The Asylum–Terror Nexus: How Europe Should Respond. *Backgrounders* (3314), 1-12.
- Simons, G. (2018). Brand ISIS: Interactions of the Tangible and Intangible Enviroments. *Journal of Political Marketing*, 1-31.
- Street, J. (2003). *Mass Media, Politics and Democracy*. Zagreb: Faculty of Political Science.
- Styszyński, M. (2016, 7 de agosto). *The Concept of Lone Jihad*. Retirado de <http://www.rieas.gr/images/islamic/lonejihadi16.pdf>
- TDP. (2018, 16 de outubro). *Foreign fighters continue to join ISIS in Syria, US Joint Chiefs chair says*. The Defense Post. Retirado de <https://thedefensepost.com/2018/10/16/isis-foreign-fighters-travel-syria-dunford/>
- Thatcher, M. (1985). Speech to the American Bar Association . Albert Hall. South Kensington, Londres.
- Torres, M. (2016). *Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional. Cuaderno de Estrategia. Instituto Español de Estudios Estratégicos*. Retirado de http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_180.pdf
- UNODC. (2018). *Investigation, Prosecution and Adjudication of Foreign Terrorist Fighter Cases for South and South-East Asia*. United Nations Office on Drugs and Crime Retirado de https://www.unodc.org/documents/terrorism/Publications/FTF%20SSEA/Foreign_Terrorist_Fighters_Asia_Ebook.pdf
- USDOS. (2019, 25 de junho). *Joint Statement by the Political Directors of the Global Coalition to Defeat ISIS*. US Department of State. Retirado de <https://www.state.gov/joint-statement-by-the-political-directors-of-the-global-coalition-to-defeat-isis/>
- Vidino, Marone, & Entermann. (2017). *Fear thy neighbour. Radicalization and Jihadist attacks in the west*. Retirado de <https://icct.nl/wp-content/uploads/2017/06/FearThyNeighbor-RadicalizationandJihadistAttacksintheWest.pdf>
- VOX. (2015, 6 de julho). *ISIS videos are sickening. They're also really effective*. [Filme]. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=18lf1kpBgRk>
- Winston, D. (2018). DIY Terrorism: a look at the paradigm shift in Daesh's recruitment tactics

- through the lens of Central Asian Foreign Terrorist Fighters. *Terrorism*, 4-16.
- Winter, C. (2015). *Documenting the Virtual 'Caliphate'*. Retirado de <http://www.quilliaminternational.com/wp-content/uploads/2015/10/FINAL-documenting-the-virtual-caliphate.pdf>
- Winter, C. (2017a). Media Jihad: The Islamic State's Doctrine for Information Warfare. *International Centre for the Study of Radicalisation*. Retirado de http://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/Media-jihad_web.pdf
- Winter, C. (2017b, 20 de dezembro). *Inside the collapse of Islamic State's propaganda machine*. Retirado de <https://www.wired.co.uk/article/isis-islamic-state-propaganda-content-strategy>
- Winter, C. (2018). Apocalypse, later: a longitudinal study of the Islamic State brand'. *Critical Studies in Media Communication*, 35(1), 103-121.
- Zelin, A. (2015). Picture or it didn't happen: A snapshot of the Islamic State's official media output. *Perspectives on Terrorism*, 85-97. Retirado de https://www.jstor.org/stable/26297417?seq=1#metadata_info_tab_contents

PROPAGANDA OF TERROR: THREATS TO SECURITY AND SAFETY IN THE EUROPEAN UNION¹

PROPAGANDA DO TERROR: AMEAÇAS PARA A SEGURANÇA DA UNIÃO EUROPEIA

Juan Manuel Ramos Santamaría

Major in the Guardia Civil
Master's Degree in Military Sciences, Security and Defence from the Military University Institute
Logistics Officer at the General Command Staff of the Guardia Civil
28003, Madrid, Spain
jmramoss@guardiacivil.es

João Manuel Pinto Correia

Lieutenant-Colonel (Engineering)
Master's Degree in Military Engineering
Master's Degree in Military Sciences, Security and Defence from the Military University Institute
1750-136, Lisbon
Research Collaborative at CIDIUM
correia.jmp@exercito.pt

Abstract

Daesh has revolutionised the way terrorism is carried out. Using a powerful propaganda machine, it has combined narrative, ideology and spectacle to achieve levels of popularity and recruitment that any organization would like to enjoy. Europe is now suffering the effects of this propaganda: lone wolves, terrorist cells, foreign fighters and a polarised society are the consequence of the cycle of hate triggered by the recruitment-attack-xenophobia dynamic. This study uses a qualitative strategy and deductive reasoning, based on an analysis of UN Security Council reports, scientific articles, interviews, and news articles on how the facts on the ground are developing to: identify the policies and tools that have been used by the police and the military to counter the potential threats that *Daesh* poses to the security of the European Union. The findings revealed that, while the number of terrorist attacks has decreased, this does not mean that the threat level has been reduced, but rather that this is a transitional phase that spells an uncertain future for Europe, especially considering the number of plots and attempted attacks that have been thwarted by counter-terrorism efforts. In other words, this transitional phase does not mean that terrorists are less motivated, but rather that their ability to plan and execute attacks has been disrupted.

Keywords: *Daesh*, terrorism, propaganda, lone wolves, foreign fighters.

How to cite this article: Santamaría, J. M. R., & Correia, J. M. P. (2021). Propaganda of Terror: Threats to Security and Safety in the European Union. *Portuguese Journal of Military Sciences [Revista de Ciências Militares]*, May, IX (1), 243-273. Retrieved from https://www.ium.pt/?page_id=6461

¹ Article adapted and revised from the dissertation prepared for the Master's in Military Sciences - Security and Defence 2018-2019. The defence took place in March 2020. The full version of the paper is available from Portugal's Open Access Scientific Repositories (RCAAP).

Resumo

O Daesh revolucionou a forma de fazer terrorismo, pois, através de uma potente máquina propagandística, foi capaz de alinhar narrativa, ideologia e espetáculo, alcançando uma popularidade e recrutamento cobiçados por qualquer organização. De facto, a Europa está a sofrer os efeitos desta propaganda: lobos solitários, células terroristas, combatentes estrangeiros, bem como a polarização da sociedade como consequência de um ciclo de ódio criado pela dinâmica recrutamento-ataque-xenofobia. Uma análise dos relatórios do Conselho de Segurança das Nações Unidas, artigos científicos, entrevistas, e notícias sobre a evolução dos factos no terreno, possibilitou, mediante uma estratégia qualitativa e raciocínio dedutivo, atingir o objetivo desta pesquisa: identificar as políticas e ferramentas, nos domínios policial e militar, que têm funcionado no combate contra as potenciais ameaças do Daesh à segurança da União Europeia. Resumidamente, concluiu-se que embora os atentados tenham diminuído, isto não se traduz numa redução da ameaça, mas antes num período de transição que revela um futuro de incertezas para a Europa, especialmente quando observado o número de conspirações e tentativas frustradas, fruto dos esforços antiterroristas. Ou seja, esta fase de transição não resulta de uma perda de motivação dos terroristas, mas da perturbação da sua capacidade para planear e executar ataques.

Palavras-chave: *Daesh, terrorismo, propaganda, lobos solitários, combatentes estrangeiros.*

1. Introduction

Despite the impact of COVID-19 on the world and its inhabitants, according to De la Corte and Summers (2021, pp. 40, 54), the threat posed by terrorism has not changed significantly.

In fact, even though *Daesh* has lost the entirety of the territory it once controlled (UNSC, 2019, p. 3), it has been consolidating its insurgency strategy in Iraq and Syria and, according to General McKenzie of the United States of America (US) Central Command, “if there is a decrease in counterterrorism pressure”, it could regain control of both countries “in a short time” (O'Donnell, Klimow, & Calvaresi, 2020, pp. 2, 15).

It would be important to understand why thousands of people joined the ranks of this group, leaving their lives behind (VOX, 2015) to become foreign fighters (FF) or loyal followers willing to perpetrate attacks on their home countries, becoming perfect examples of individual, “do-it-yourself” jihad. It is also worth noting that many of these attackers were European citizens, which raises a sensitive question regarding the citizenship and integration of these individuals (McDowell & Maplecroft, 2016, p. 739).

According to EUROPOL (2020, p. 14), in 2019 there were seven terrorist attacks in the European Union (EU) and another fourteen were prevented by security forces, which shows that the group still has the ability and motivation to operate, even when it is in a vulnerable situation. In other words, it is still an effective threat. This study falls within the field of Military Sciences and the subfields of Crises and Armed Conflict Studies and Internal Security and Criminal Phenomena Studies, and it is particularly relevant in light of the potential threats to security in the EU, as it addresses the use of military and law enforcement capabilities to counter terrorism.

The study object is the propaganda produced by *Daesh*. However, it will be delimited according to clear and objective dimensions, that is, in terms of content, time and space:

- With regards to content, the study will analyse the evolution of the group's propaganda, its distribution, themes, the use of social networks (SN) and its effects on target audiences (TA), as well as the military and law enforcement efforts to counter it.

- Temporally, the study will cover the period between July 2014 (the date the Caliphate was declared) and June 2019 (the insurgency phase after the group lost the entirety of its territory). However, in order to confirm that the terrorist threat in the period under study is still active, other periods are also analysed.

- Spatially, the study will focus on the EU; however, to enrich the research, it will also address the group's presence in cyberspace – online propaganda –, the actions in Syria and Iraq (specifically, the use of the military instrument), and, when relevant, the effects of propaganda in other places of the world.

The general objective (GO) of this study is thus *To analyse the military and law enforcement policies and tools that have proved effective in countering the threats created by Daesh's propaganda*. The GO was subdivided into a set of specific objectives (SO):

SO1: To describe the main features of *Daesh's* propaganda;

SO2: To analyse the effects of this propaganda on its target audiences;

SO3: To analyse the actions taken by the military to counter the effects of *Daesh's* propaganda;

SO4: To analyse the actions taken by law enforcement agencies to counter the effects of *Daesh's* propaganda.

These objectives were operationalised in the form of a research question (RQ):

What policies and tools have military and law enforcement agencies used to counter the threats created by Daesh's propaganda?

2. Theoretical and conceptual framework

2.1. Concepts

This section will explain the key concepts addressed in the study from an instrumental perspective: terrorism, propaganda, threat and security.

Terrorism has been defined as the deliberate act of generating and exploiting fear through the use of violence or the threat of violence, in order to effect political change. A terrorist attack is specifically conceived to *reach* more than the immediate victims or targets of a terrorist attack (Hoffman, 2006, p. 40).

Propaganda is an important tool in achieving this goal. As Primer Minister Margaret Thatcher (1985) stated, it is essential “to find ways to starve the terrorist and the hijacker of the oxygen of publicity on which they depend [...]”. Street (2003, p. 7) defines propaganda as an activity that aims to influence as many people as possible through the spread of ideas (Ejupi et al., 2014, p. 644). These ideas influence people, create followers and encourage certain trends within societies, which can become threats depending on the interests, actions and behaviour they elicit.

In a hostile environment, a *threat* is any event or action (either ongoing or foreseeable)

of any type (military, economic, environmental, etc.) that hinders the efforts to achieve an objective, and that usually causes moral or material damages. In the field of strategy, the threat assessment is focused on identifying threats coming from a conscious intention, gauging the combination of intent and capability behind them (Couto, 1980, p. 329).

Protecting societies from these threats requires *security*, which can be defined as “the absence of military and non-military threats that endanger the core values of a person or community and that imply a risk that force may be used” (David, 2001, p. 27).

2.2. Literature review

Since the advent of *Daesh*, much has been written about the group, from various perspectives. Some studies on SN have analysed the organization’s online propaganda, such as Berger and Morgan (2015) and Convey et al. (2017), which show that *Daesh* has proved to be remarkably resilient online, despite the measures that have been taken to counter the group’s influence.

With regards to its mobilisation capacity, a set of studies by the Soufan group (2014, 2015, 2017), and the United Nations (UN) report published in 2018, *The challenge of returning and relocating foreign terrorist fighters*, shed light on the flow of FF and on the current status of the problem. Another important study by Vidino et al. (2017, p. 35) stresses that propaganda and narrative are important tools for influencing individuals without operational links to the group. Terrorism experts Petter Nesser, Anne Stenersen and Emilie Oftedal call this the “IS-effect”.

Other studies on threats focus on the relationship between immigration and terrorism, such as Beck, Diza and Searl’s 2017 work, *Bridges and Bandits on the Road to the New Jerusalem: A Study of the Correlation Between Immigration and Terrorism*.

With regards to the fight against terrorism, a 2016 study published by the Institute for Strategic Studies of the Spanish Ministry of Defence, *Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional*, provides a multidisciplinary analysis of the work to be developed by the various instruments that States have at their disposal to counter terrorism, including the military and the police. The 15th issue of the *Caderno do Instituto Universitário Militar: O Daesh, Dimensão Globalização, Diplomacia e Segurança* [IUM Notebooks: *Daesh, Globalisation, Diplomacy and Security*] addresses the same topic.

Based on the literature review, it is clear that propaganda has successfully mobilised a broad range of individuals, both FF and lone wolves. The literature review also revealed the role of immigration for this area of study. The measures taken by the military and law enforcement to combat *Daesh* in the early stages, prior to its defeat, were also analysed.

Having reviewed the literature on the topic, this study will endeavour to provide a new approach, different from the ones mentioned above: it begins by analysing how the facts on the ground have evolved to confirm if the policies and strategies used against *Daesh* have been effective, particularly the actions taken by the military and law enforcement agencies to counter *Daesh*’s propaganda and its impact on the EU.

2.3. Analysis model

Table 1 contains the analysis model that guided the investigation.

Table 1- Analysis Model

Research Question	R!: What policies and tools have military and law enforcement agencies used counter the threats created by <i>Daesh's</i> propaganda?			
Data collection techniques	Concept / Variable	Dimensions	Indicators	Subsidiary questions
Literature review and semi-structure interviews	Propaganda	Media machine	Communication Offices	SQ1: What are the main features of <i>Daesh's</i> propaganda?
		Content / theme	Military / Non-military	
		Target Audiences (Domestic / Foreign)	Enemies / <i>Daesh</i> fighters/ Followers / Potential recruits	
		Offline / Online	Products (<i>Al-Naba; Rumiya</i>) Apps: Telegram, Twitter Branding / Recrutamento	
	Threat	Hybrid threat	Individual <i>Jihad</i> Types of attack Foreign fighters Immigration Xenophobia	SQ2: What are the effects of propaganda on its target audiences?
	Security	– Military actions – Police actions	Kinetic Actions (Air Strikes- Operations) Courses / Training Retrieval of content Intelligence / operatives Blocking servers Police actions Interagency cooperation	SQ3: What action have been taken by the military to counter the effects of <i>Daesh's</i> propaganda? QD4: What actions have been taken by law enforcement to counter the effects of <i>Daesh's</i> propaganda?

3. Methodology and method

3.1. Methodology

This study uses deductive reasoning, a case study design and a qualitative strategy (Santos & Lima, 2019).

3.2. Method

During the literature review, a request to conduct a semi-structured interview was sent to senior officers² of the Intelligence Services of the *Guardia Civil*, which also served to obtain feedback on the interview script. Once the interviewees agreed to the interview and were assured of the anonymity and confidentiality of the study, a face-to-face interview was scheduled. The interview answers cited in this study were validated by interviewees.

3.3. Data processing techniques

Operationalising the key concepts made it possible to understand the phenomena under analysis, as patterns and relationships emerged during the investigation (Santos & Lima, 2019, pp. 116-117).

² Linked to Operation Tajmil (section 4.3.2).

4. Data presentation and analysis of findings

4.1. *Daesh's* psychological operations: between marketing and propaganda

4.1.1. *Daesh's* media machine

As early as 2005, the current leader of al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, stressed the importance of communication in a letter to Abu Musab al-Zarqawi, leader of al-Qaeda in Iraq (AQI) (the predecessor of *Daesh*): “we are in a battle, and more than half of this battle is taking place in the battlefield of the media” (Cottee, 2015).

Aware of the importance of the information war to its strategy (Gambhir, 2016, p. 7), the group worked tirelessly, building on the momentum it gained by taking Mosul in 2014 to gain global visibility by distributing an array of media products that helped popularise its brand, polarise societies and drive its rivals to the sidelines (Winter, 2017a, p. 1).

This required a complex media machine to produce and disseminate its propaganda. The group achieved this by adapting the military and political ideology of the Ba’ath party, using a pragmatic military and political strategy that involved establishing governing structures in Iraq and Syria (Figure 1) (Habeck et al., 2016, p. 7), which it was able to do thanks to the experience of former agents from Saddam Huseim’s intelligence services (insurgency and counterinsurgency professionals) it had managed to recruit into its ranks (Caretti, 2016).

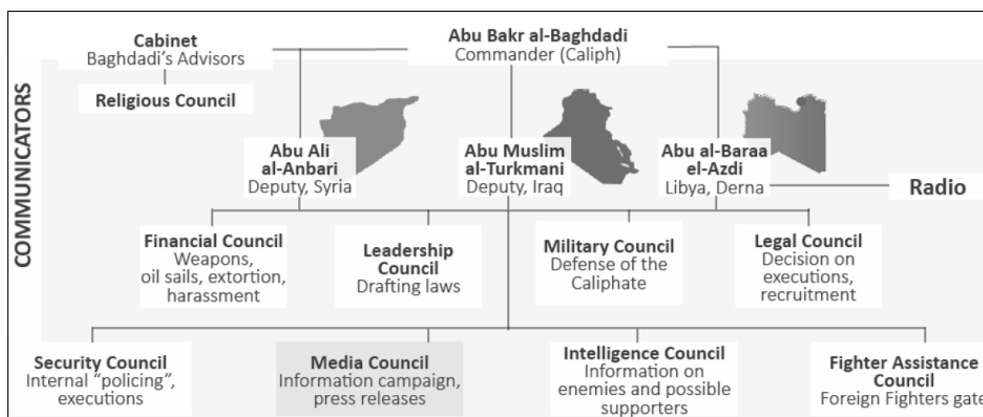


Figure 1 – *Daesh* organizational structure

Source: NATO (2015, p. 23).

The success of its information campaign was largely due to how effectively it was organized. This was possible thanks to a single chain of command, responsible for its agile and adaptive behaviour, as well as for aligning its media machine, military instrument and religious institutions (Gambhir, 2016, p. 20). Furthermore, since the group’s defeat, it has been able to evolve and decentralise, and shift the spotlight to its branches³ (Iguarada & Summers, 2020, pp. 2,3).

³ See Section 4.3.3.

4.1.2. *Daesh's communication strategy: psychology, narrative, branding and marketing*

Propaganda can be described as an act of communication that aims to elicit an emotional response in the TA (Simons, 2018, p. 6). According to Pratkanis and Aronson (2001, p. 11), it influences emotions and judgments by manipulating images, slogans and symbols. The TA can be analysed according to the effects that the group aims to achieve with its propaganda (NATO 2015, pp. 35-37):

- To (1) support and (2) unite: potential recruits, Muslims around the world and followers;
- To (3) intimidate: Western societies and dissidents;
- To (4) inform: Western societies, followers, local citizens and the general public.

For Lesaca (2015, p. 106), the broadcast of a video featuring Imam Abu Bakr al-Baghdadi in July 2014 marked the birth of “marketing terrorism”, a new type of terrorism that uses social psychology and technology to manipulate public opinion and recruit followers all over the world. A combination of military successes and a successful propaganda campaign during the summer of 2014 and early 2015 helped establish the *Daesh* brand. As a result, the organization reached a level of recognition that any politician or multinational company would like to enjoy (Winter, 2018, p. 8).

Lesaca (2015, p. 111) highlights the importance of analysing this propaganda through a qualitative lens: at least 25% of *Daesh* videos are inspired in shows, video games, movies or music clips that are popular among young people and thus resonate with them.

It is commonly believed that the organization's media products mainly show barbaric acts (Zelin, 2015; Winter, 2015; Milton, 2016). However, the theme of a functional, utopian Islamic State where Muslims can live in harmony and be happy is the most important feature of its propaganda (Andhika, 2017; Winter, 2017a; Winston, 2018).

In fact, at the peak of its territorial expansion (2014-2015), the group's propaganda focused on images of an idyllic life in the Caliphate. During that phase, *Daesh* mainly posted videos of happy children in parks or doctors talking about health services. In interviews, different FF extolled the virtues and advantages of travelling to *Daesh* territory and doing the *hijrah* (Winston, 2018, p. 5). On the other hand, when the GCI (Global Coalition against ISIS) and the Iraqi Forces began to conquer territory, *Daesh* began calling for lone wolf attacks (Gunaratna, 2017, p. 107).

As *Daesh* came under military pressure in Syria and Iraq (Almukhtar & Watkins, 2016) and Western governments implemented measures to prevent FF from joining the organization's ranks (Kalin & Tolba, 2016), the group's narrative evolved, and the space left by its lost utopia was filled by calls for indiscriminate violence against the “enemies of Islam” (Winter, 2017b).

Torres (2016, p. 187) explains how the military instrument can be used to neutralise the group's propaganda, which relies on buildings, communication networks, equipment and personnel that can be attacked and destroyed. The lack of ability to replace members who are capable of producing propaganda ultimately affects not only its quantity but also its quality.

Therefore, as Milton (2018, pp. 5-6) stresses, recruitment challenges, difficulty travelling to the territory held by the group, military defeats, pressure from governments and private

firms, as well as the actions taken to eliminate the group's sources of funding have all played a role in curbing propaganda.

Eliminating propaganda operatives has hindered the organization's ability to produce media content. Figure 2 shows 100 operatives were killed between 2015 and 2018, which is a significant number. On the other hand, it also reveals that, since 2016, the US has focused on targetting / attacking this type of personnel. In 2016, international media outlets reported on a plan to attack the group's propaganda arm, particularly its English language capability (Milton, 2018, p. 7), as part of the US strategy to eliminate the group's leaders (Calvo, 2016, p. 85).

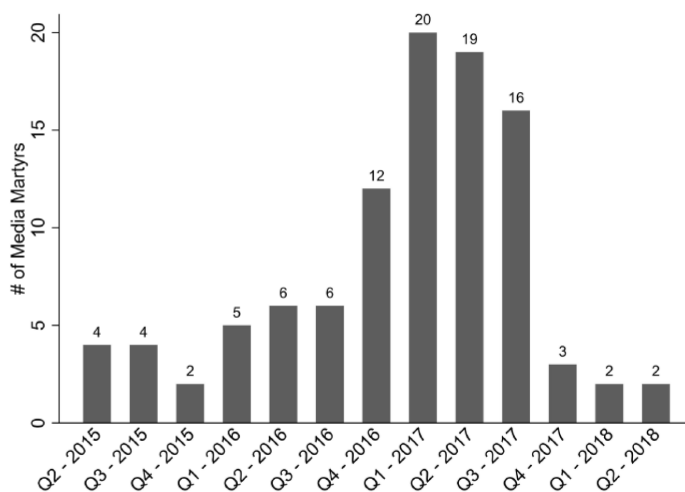


Figure 2 – *Daesh* ads on dead propaganda operatives, 2015-2018

Source: Milton (2018, p. 6).

4.1.3. The use of the internet and new technologies: a key factor

When one considers the reach of the internet and how terrorists have been able to use it (Jawhar, 2016, p. 24), it becomes clear that this type of communication tool allows them to reach audiences worldwide and offers numerous possibilities for organizing, recruiting, spreading propaganda, raising funds and gathering intelligence, as well as for inspiring and coordinating terrorist attacks (Fine, Linick & Calvaresi, 2017, p. 27).

In fact, the internet has enhanced the effect of techniques such as the 3 Rs (reach, relevance, resonance), which are used to generate credibility. Thus, an analysis of how *Daesh* has used SN, and Twitter in particular, shows that these tools not only amplify the group's reach, they also enhance the relevance and resonance of the message with its TA (Ingram, 2016, p. 25), allowing the group to reach audiences it would never have been able to reach in person (Awan, 2017, pp. 138-139).

When it began losing territory to military attrition, *Daesh* began using encrypted applications, such as Telegram, to evade the anti-terrorist measures implemented by security forces. It taught the art of anonymity to their followers, showing that it was capable

of changing tactics. In military terms, it avoided detection by taking their Command and Control (C2) and Command, Control, Communications, Computers and Intelligence (C4I) offline (Matejic, 2016). Meanwhile, the group's followers continue to use SN, encryption and the dark web to communicate, inspire and facilitate attacks (UNSC, 2018a, pp. 5-6).

Finally, in addition to internet propaganda, the group also publishes a widely read newspaper, *Al-Naba*, which is produced offline. According to Mahloully & Winter (2018, p. 5), each publication is tailored to a specific TA. Thus, while *Rumiyah* magazine was intended for distribution to its followers all over the world, *Al-Naba* was, and still is, directed at personnel in the conflict area.

4.1.4. Brief overview and answer to SQ1

The above analysis provided the answer to SQ1, *What are the main features of Daesh's propaganda?* The analysis revealed that the propaganda produced by the terrorist group known as *Daesh* is based on a planned, centralised communication campaign, in which themes and messages are directed at specific TA and at the international public through the use of psychology and marketing tools. The credibility, narrative, justification, resonance and spectacle that *Daesh* has been able to achieve have allowed the group to consolidate its brand in a reliable, frightening and credible way.

Once its military defeats began contradicting the narrative of an idyllic life in the Caliphate, the group turned to a narrative of victimisation and revenge that set the stage for its calls urging followers to commit attacks in the West in an effort to remain relevant. At this time, the group began using the dark web and encryption protocols to avoid detection by military and police actions.

Finally, the internet was essential to amplify the reach, relevance and resonance of the group's message, as well as to raise funds, inspire or coordinate attacks, as well as other activities.

4.2. The effects of *Daesh's* propaganda: from Individual Jihad to Foreign Fighters.

4.2.1. Individual *jihad*: do-it-yourself

According to Styszyński (2016, pp. 1-2), organizations such as *Al-Qaeda* and *Daesh* consider the idea of "individual jihad" essential, as it allows them to bring the fight to Western countries by exploiting "lone wolves" who are persuaded by jihadist propaganda to commit attacks.

Al-Qaeda's Inspire magazine published an issue with instructions on using a vehicle as a terror weapon as early as 2010 (Bergen, 2017). *Daesh* employed a similar tactic, publishing a series of issues of *Rumiyah* magazine titled *Just Terror Tactics*, with each issue explaining the use of a given method of attack (Figure 3) (POOLRE, 2017, p. 26). From June 2014, the date the Caliphate was declared, to February 2017, *Daesh* directed or inspired about 143 attacks in 29 countries, causing the death of approximately 2 thousand people and injuring many more (SG, 2017, p. 14).

 Edition of Rumiyah	 Date released	 Just Terror Tactics number	 Attack methodology highlighted
2	October 2016	None	 Knife attacks
3	November 2016	Just Terror Tactics 1	 Vehicle attacks and  additional weapons
4	December 2016	Just Terror Tactics 2	 Knife attacks
5	January 2017	Just Terror Tactics 3	 Arson attacks
9	May 2017	Just Terror Tactics 4	 Hostage-taking

Figure 3 – *Just Terror Tactics* figures and suggested methods of attack

Source: Adapted from POOLRE (2017, p. 26).

According to Igualada et al. (2018, p. 31), an analysis of the terrorist actions listed in Figure 4 reveals that, as early as 2018, attackers began acting independently using rudimentary and, in most cases, easily accessible tools, which made it extremely difficult to predict attacks (Duarte 2017, p. 19).

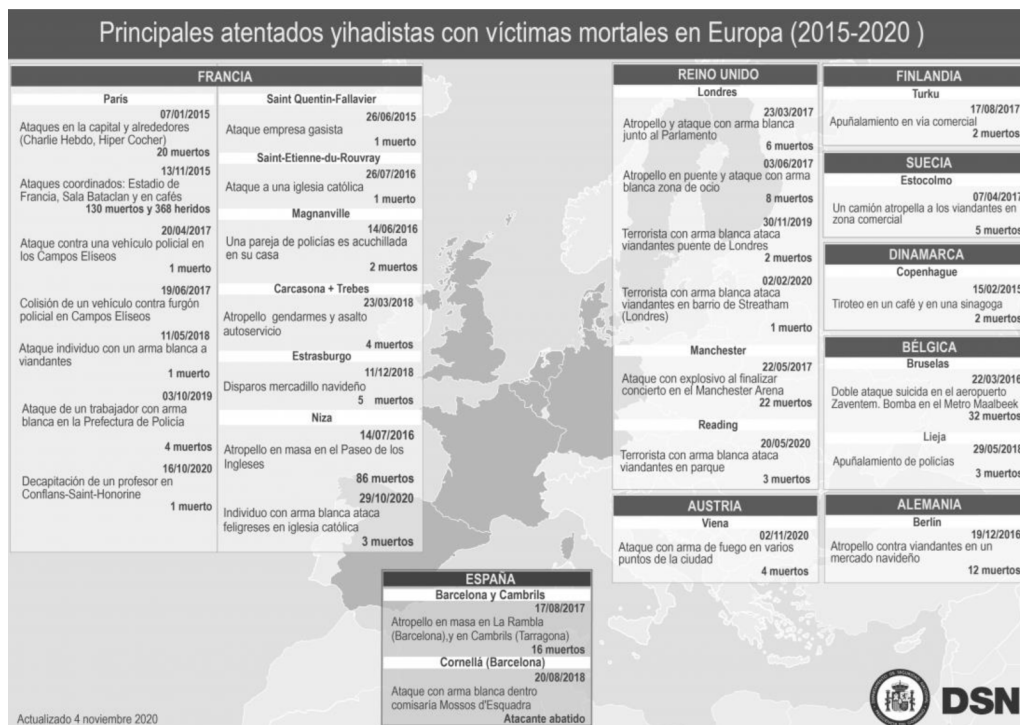


Figure 4 – Number of deaths caused by *Jihadist*-inspired attacks in Europe, 2015-2020

Source: DSN (2020).

Despite a decrease in the number of attacks in 2018, the threat level has not decreased. Rather, this should be seen as transition phase that spells an uncertain future for Europe (Igalada et al., 2018, p. 15). While these low-cost attacks are easy to plan and execute, the Brussels and Paris attacks prove that terrorists are also capable of conducting operations that require complex logistics and coordination (Duarte, 2017, p. 19), and the attacks in Sri Lanka⁴ and Tunisia⁵ confirmed this. This highlights the threat that traditional cells still represent (SIGC, face-to-face interview, 01 August 2019).

Daesh uses the publicity it gains after an attack to inspire followers and as a recruitment tool. Lone wolves need the group to give meaning to their actions and to maximise their impact beyond the immediate effects of an attack. Without an organization, a terrorist is nothing more than a killer with a car and a knife. Similarly, *Daesh* needs lone wolves to show its reach and sphere of influence to the world. The wolf needs the pack just as much as the pack needs the wolf (Greene, 2017).

In 2018 and 2019 there were, respectively, 511 and 436 arrests for jihadist terrorism in Europe (EUROPOL, 2020, p. 33). These are still high figures that reveal that the motivation to commit attacks still exists.

4.2.2. Foreign fighters and returnees

The phenomenon of FF is not new. Many conflict zones, including Bosnia, Chechnya, Afghanistan and Pakistan, etc., have attracted foreigners in the past. What makes the current phenomenon unique is the unprecedented number of FF (Figure 5) that mobilised to fight in Syria and Iraq. Moreover, many of these FF (including those who are European citizens) are returning (RAN, 2017, p. 15).

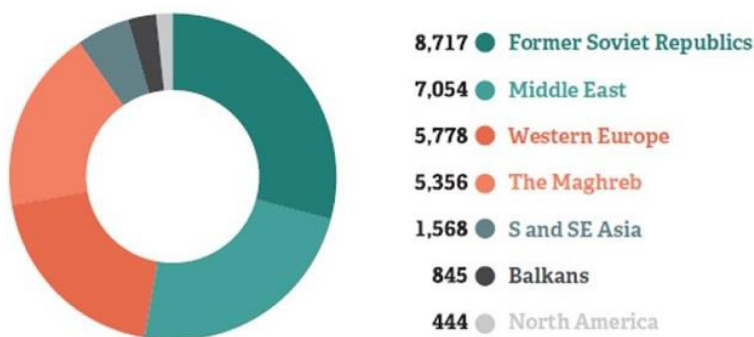


Figure 5 – Number of Foreign Fighters by region

Source: SG (2017, p.11).

This begs the question: what drives these people to abandon their lives and their country of origin to fight in a war in another land? What motivations and factors influence this phenomenon?

⁴ The attacks on churches in Sri Lanka on Easter Sunday caused more than 250 deaths (Amarasingam, 2019, p. 1).

⁵ On 27 June 2019, two simultaneous attacks in Tunisia caused at least one death and injured eight people (González, 2019).

Borum and Fein (2017, p. 250) explain how motivation is one of the most important challenges when it comes to mobilising personnel to conduct and sustain a military campaign. Applying the same rationale to FF, there is no simple answer, as motivation includes both push factors (such as integration difficulties) and pull factors (such as defending a group identity).

Radicalisation mechanisms are, then, the result of the interaction between these factors, and radicalisation occurs at different speeds. There is no single cause that leads to radicalisation and violent extremism, but rather a kaleidoscope of factors and numerous individual combinations (RAN, 2016, pp. 1,3,4).

If one looks at *Daesh's* early successes, it is clear that many followers wished to join the group because they believed they would be a part of a new State that would provide everything they did not have at home (SG, 2015, p. 20). As the group began losing its ability to hold territory, their ability to recruit was limited to those whose main motivation was to fight or to commit terrorist attacks. This trend, along with the measures taken by States to monitor FF, succeeded in almost stopping the flow of FF (UNSC, 2018a, p. 5).

What, then, is the threat they represent to EU security?

Returnee FF were involved in the execution of the Brussels attacks (2014 - Jewish museum; 2016 - airport and metro station), as well as in the Paris attacks of November 2015. According to a study by Vidino, Marone and Entermann (2017, pp. 15-16), while only 18% of the perpetrators of the 51 attacks that occurred between June 2014 and June 2017 were returnees, those attacks were the most lethal. Another noteworthy fact is that they took place in 8 different countries: France (17); the US (16); Germany (6); the UK (4); Belgium (3); Canada (3); Denmark (1); and Sweden (1). That is, there were 32 attacks in Europe (63%) and the remaining 19 occurred in the US (37%). Finally, according to the same study, 73% of attackers were citizens of the country where the attack occurred.

What will happen to the FF that joined the ranks of *Daesh* who are still alive today?

Another fact that should be noted is that the figures on FF are sometimes contradictory: At the end of 2017, the GCI estimated that there were fewer than one thousand terrorists in the area of operations between eastern Syria and western Iraq (UNODC, 2018, p. 6). According to an SG report of October 2017 (2017, p. 5), the flow of FF dropped abruptly as *Daesh* lost territory and States implemented measures to prevent travel to the Caliphate. However, according to a US Defence Agency, the group controlled: (1) up to 30 thousand fighters in August 2018 (Cafarella, Wallace & Zhou, 2019, p. 8); and (2) according to a UN report published in August 2020, more than 10 thousand *Daesh* fighters remain active in Syria and Iraq, organized in small cells that move freely across borders.

Therefore, as Hassan Hassan (co-author of *ISIS: Inside the Army of Terror*) reflects, the number of FF that joined the ranks of *Daesh* may have been inflated, in the sense that the figures may have been increased to justify the presence of troops in Syria (Gutiérrez, 2017). This makes even more sense if one considers that, when the US pulled its troops from Iraq in 2011, it made it possible for the Islamic State of Iraq (ISI, the predecessor of *Daesh*) to recover from the important military defeat inflicted by the US and the Sunni tribes (Fuente, 2018, p. 11).

There are hundreds of FF from different countries in Syrian and Iraqi prisons, as well as women and children in refugee camps. Several countries have expressed concerns about bringing hardened *Daesh* FF back into their territory, as it is difficult to collect evidence to

support investigations and prosecutions. The UN has also expressed concerns about the release from prison of these returnees (BBC, 2019), who include hundreds of European citizens (including women and minors) because, while many of them are effectively victims, they may have received training and could pose a threat in the future (EUROPOL, 2019, p. 7).

4.2.3. Immigration, terrorism and xenophobia

Simcox (2018, p. 1) highlights that 44 refugees or asylum seekers were involved in 32 conspiracies that resulted in 814 people injured and 182 deaths from 2014-2017. Refugees or asylum seekers were involved in about 16% of jihadist plots in Europe. *Daesh* had links to most of the plots, and Germany was the most affected country.

Based on prior experience, it is clear that the aim of terrorist attacks in Europe in recent years has been: to provoke a strong anti-Muslim sentiment that will lead to hate crimes, alienation and social divides, and the triumph of the right and far right on an anti-Islamic and anti-immigration platform (Bin Sudiman, 2017, p. 10). On 15 March 2019, New Zealand witnessed the best example of the success of this strategy, which resulted in the murder of 51 people in two mosques. Brendon Tarrant, the attacker, is said to have published a manifesto where he declared that one of his strategic objectives was “to incite violence, retaliation and further divide between the European people [the West] and the invaders currently occupying European soil” (Macklin, 2019, pp. 18-21). Indeed, according to the UNSC (2019, p. 3), attacks on places of worship such as the one described above create a narrative of ongoing interfaith conflict.

Terrorists feed on and exploit this polarisation (Byman, 2019). *Daesh* has skilfully adopted its strategy, exploiting the recruitment-attack-xenophobia dynamic to create a cycle of hate in the countries that oppose it. This dynamic generates potential recruits and followers while also aggravating anti-Muslim sentiment (Guo, 2015).

A study by Beck et al. (2017, pp. 83, 98) analysed six countries⁶ and found that immigration is one of several factors linked to an increase in terrorism, as it establishes a physical link or “bridge” that can be crossed by an ideology, a culture, and most importantly, by people who can bring extremism from countries with terrorism problems to regions that were previously unaffected by it. On the other hand, Bove and Böhmelt (2016, p. 25) argue that an increase in immigration from countries that are not prone to terrorism correlates to lower numbers of terrorist attacks.

When analysing these threats, one aspect that should not be forgotten is that many perpetrators of terrorist attacks in the EU over recent years were European nationals who are descendants of citizens from Middle Eastern countries, either second or third generation immigrants who were educated in a Western system that was supposed to integrate them (Sarcinschi, 2016; Nail, 2016). Terrorists use these first or second generation communities as a hub to expand their reach to other countries by radicalising and recruiting recent migrants (Beck et al., 2017, p. 83), using Europe as a platform to replicate the effects that allow it to achieve its goals.

4.2.4. Brief overview and answer to SQ2

The availability of jihadist manuals on the internet, a powerful narrative, the simplicity of planning and executing attacks, and the ease of access to low-cost tools make individual jihad a serious threat

⁶ Germany, Turkey, Greece, USA, Canada and Australia.

that is difficult to predict and neutralise. The decrease in attacks, when considered alongside the intention to commit attacks and the number of detainees, spells a period of uncertainty for Europe.

Daesh has been able to skilfully exploit the most vulnerable of the generations of immigrant descendants living in Europe. It uses the cycle of hate created by the recruitment-attack-xenophobia dynamic to polarise the population to its advantage, legitimise its cause and recruit followers, who provide it a platform to replicate these effects.

The above analysis answered SQ2: *What are the effects of propaganda on its target audiences?* The effects of *Daesh's* propaganda are lone wolves, FF, returnees and traditional cells, as well as a society polarised by the cycle of hate created by the recruitment-attack-xenophobia dynamic.

4.3. Countering the effects of *Daesh's* propaganda: the role of the military and law enforcement

4.3.1. Military actions

When the world powers (the GCI on the one hand, and the Syrian government and its allies on the other) determined which strategy would be the most effective to counter *Daesh* on the ground, they looked back to past experiences in Iraq and Afghanistan and decided that a strategy of “asphyxiation”, in the sense of depriving the group of its resources, forcing it to fight on several fronts until it exhausted its reserves (Calvo, 2016, pp. 83, 90, 91), was the right choice. The “train, advise and enable” (TAE) model that was conceived consisted of a contingent of Western forces tasked with training local forces, advising them and providing the combat capabilities they would need to ensure *Daesh's* defeat (Garamone, 2019).

The GCI has defined five lines of effort to combat the group: (1) providing military support to military partners; (2) stopping the flow of FF; (3) neutralising *Daesh's* sources of funding; (4) addressing humanitarian crises in the region; and (5) exposing the true nature of *Daesh* (GAO, 2017, p. 11).

It should be stressed that ideology is the most important part of *Daesh's* Centre of Gravity because it is what allows this type of terrorist organization to survive (Habeck et al., 2015, pp. 10-11), as General Dunford confirms: “It’s the flow of foreign fighters, the ability to move resources, and the ideology that allows these groups to operate” (TDP, 2018).

On the other hand, countries have different interests, which are sometimes conflicting and oppose each other. These interests must be considered, as they will influence any lasting and coherent solution that builds on the results that have been achieved on the ground (Pires, 2016a, pp. 96-97). This is particularly relevant in Syria, where there are multiple actors with different interests and agendas, some of whom follow a zero-sum principle.

In fact, according to Calvo (2016, p. 87), it was Russia’s intervention in 2015 that triggered the actions of the US and its allies, who began targeting the group’s tankers, banks and cash depots to avoid being pushed to the background.

With regards to these measures, the UNSC (2018b, p. 6) argues that there may be a causal link between the military defeat of the Caliphate and the decrease in the number of attacks on European soil in 2017 and 2018. The group’s command and control capacity was affected when many operatives and members responsible for planning attacks, including al-Baghdadi

himself, were killed in targeted strikes (Mackintosh et al., 2019). While the leader of *Daesh* was uniquely skilled at reviving past glories and expanding the group's reach (Barton, 2019), Seligman (2019) warns that his death is not necessarily a "death knell" for the organization, just as bin-Laden's death did not mean the end of al-Qaeda.

The measures described in line (3), neutralising sources of funding, were especially important, as, unlike most terrorist groups, *Daesh* had a population from whom it could collect taxes and a territory to exploit, either by extracting natural resources, seizing property, or robbing banks and shops. Therefore, as shown in Figure 6, territorial losses have had a significant impact on *Daesh*'s ability to generate revenues (IHS Markit, 2017), and the actions taken by the GCI have had a similar impact on the group's sources of funding (Heißner et al., 2017, p. 12).

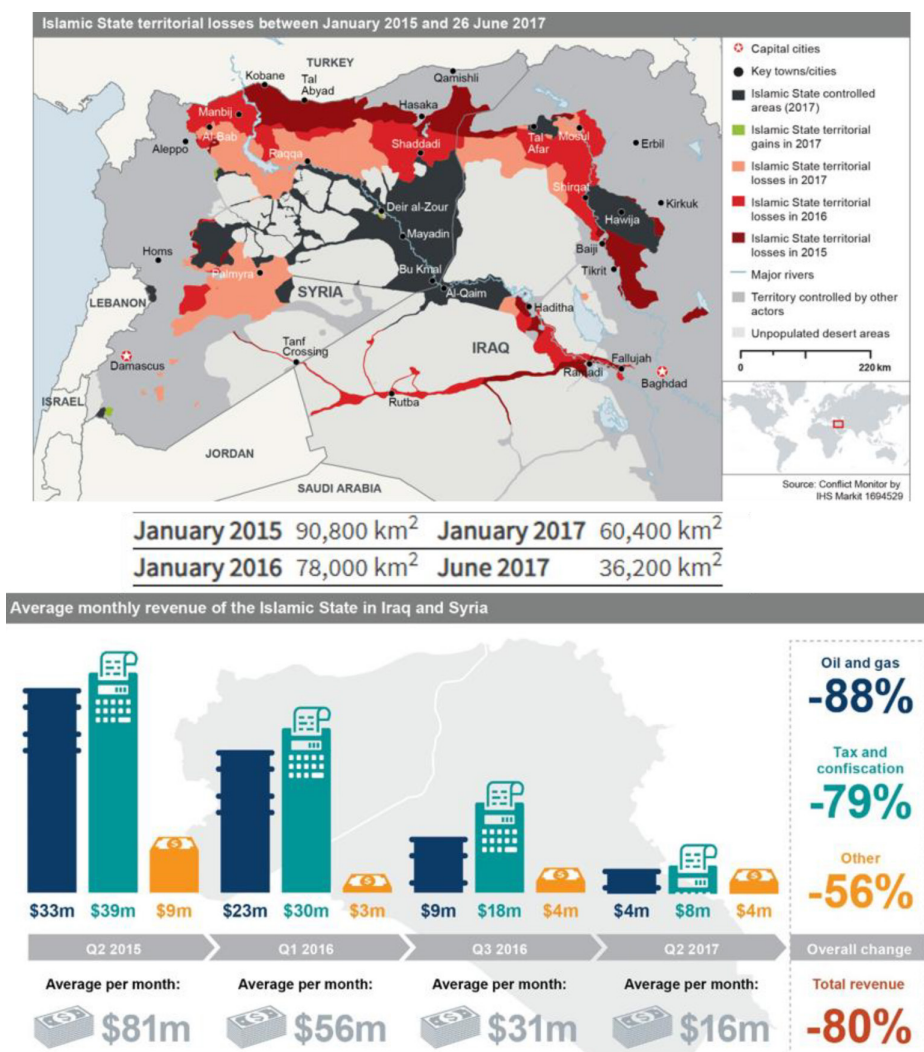


Figure 6 – *Daesh* territorial and revenue losses, 2015-2017

Source: Adapted from IHS Markit (2017).

Thus, the military actions described in Table 2 stripped the group of its territory and contributed to decrease the group's attacks on European soil.

Table 2 - Measures taken by the military instrument to counter *Daesh*, according to the lines of effort of the International Coalition

Line (1): provide military support to military partners
1.1 Asphyxiation: joint attacks by all global Powers (Calvo, 2016, p. 91). There are two different axes (US-Saudi Arabia vs. Russia-Syria-Iran) and countries follow a zero-sum principle when deciding whether to help their allies. When the interests of States aligned to counter terrorism, Daesh was defeated. As Milosevich-Juaristi (2017) explains, Russia helped its former ally oppose the Syrian rebels and attacked Daesh along the way. President Putin regained the status of international leader and countered the negative effects of the Ukraine issue.
1.2. Air strikes targeting the group's facilities, as well as media production facilities; the launch of Operation Tidal Wave II in October 2015, which targeted oil fields, transport systems and cash depots.(Heißner et al., 2017, p. 12).
1.3. Eliminating skilled operatives (Milton, 2018).
1.4. Eliminating leaders (Calvo, 2016) - including Daesh leader Abu Bakr al-Baghdadi himself (Mackintosh et al., 2019).
1.5. Train, Advise and Enable model, using a contingent of Western forces to train and advise local forces, and provide the combat capabilities required to ensure Daesh's defeat (Garamone, 2019). Western public opinion does not approve of its soldiers being deployed to third countries to sustain long counter insurgency campaigns, as the European and American professional armies have proved to be ill-suited for this type of warfare (Calvo, 2016, p. 83). The Train, Advise and Enable model follows the same logic.
1.6. Kinetic operations led by local forces: broad spectrum of military capabilities (Pires, 2016a).
Line (2): stopping the flow of Foreign Fighters
The GCI cooperates closely to prevent the phenomenon of FF , both those who are currently detained and others who may be lying in wait, ensuring they cannot return to the battlefield or to any other location from where they can plan international attacks. Information sharing among all partners on Daesh's FF and their movements is key to counter the phenomenon. These partners include INTERPOL, in accordance to the agreements reached during the sixth review of the United Nations strategy to counter Daesh. This highlights the importance of prohibiting any form of direct or indirect support that may facilitate the movement of FF , in accordance with the relevant UNSC resolutions (USDOS, 2019).
Line (3): neutralising Daesh's funding sources
3.1. In August 2015, the Iraqi government made the decision to stop paying wages to civil servants in territories controlled by the group (Heißner et al., 2017, p. 12). 3.2. There are continued efforts to reduce cross-border smuggling with Turkey and the areas of Iraq under Kurdish control (Heißner et al., 2017, p. 12). 3.3. The kinetic operations and airstrikes on facilities such as oil fields, transportation systems and cash depots described in Line 1.2 resulted in loss of territory and resources. As Daesh's funding depended on its ability to exploit territory (through fees, taxes, looting and resource exploitation), losing control of it affected its revenues (Heißner et al., 2017).
Line (4): addressing humanitarian crises in the region
The GCI has encouraged its members to raise about \$ 20 billion in humanitarian and stabilisation aid to support Syrians and Iraqis. It has provided equipment and training to more than 210 thousand security forces personnel as part of its efforts to alleviate suffering and stabilise local communities. These efforts have come at great cost, as tens of thousands of Syrian and Iraqi partners and at least 46 GCI members have been killed in this war (USDOS, 2019).

Despite the group's military defeat, some UN member states have expressed concerns that the underlying causes of terrorism are still present, perhaps even more severely than before. The decrease in attacks is therefore likely to be temporary, until *Daesh* can recover and reorganise. As such, member states measure the decrease in the number of successful attacks against the constant levels of terrorist-inspired activity, which suggests that this relative calm is not due to lack of motivation, but rather to the disruption of *Daesh's* ability to plan and execute attacks (UNSC, 2018b, p. 6).

4.3.2. Law enforcement actions

Of the more than 5 thousand FF who travelled from Europe to Syria and Iraq from 2011-2016, about 1,200 have reportedly returned (EP, 2018, p. 31). The lethality of terrorists' actions depends on their level of training and ability to obtain weapons and explosives. This has resulted in both complex, well-planned attacks such as the ones in Paris and Brussels and in the use of "lone wolves" (Navarrete, 2016, p. 106).

In 2005, the Council of the EU adopted its comprehensive Counter-Terrorism Strategy, which aims to contribute to a safer Europe. This strategy rested on four basic pillars: (1) prevent; (2) protect; (3) pursue; and (4) respond (Consilium, 2018a). According to the SIGC (op. cit), the changes to EU legislation that have been introduced since the publication of UN resolution 2178, as well as the creation of tools such as EUROPOL's Internet Referral Unit (IRU) have been instrumental in countering *Daesh* more effectively.

From the perspective of human resources, it is impossible to monitor all individuals with criminal records on a permanent basis (Gutiérrez, 2018). Given the high number of suspects, the main problem for authorities is prioritising targets and defining a case-by-case approach (SG, 2017, p. 26). In any case, enhancing the visibility and authority of the EU counter-terrorism coordinator (Consilium, 2020) would help improve the system.

The main purpose counter-terrorism police activities is to prevent attacks from occurring, which requires powerful intelligence capabilities, as well as establishing linkages, cooperation and coordination mechanisms (SIGC, op. cit). Therefore, law enforcement authorities consider internet surveillance an essential tool in this digital age.

The *Guardia Civil's* Operation Tajmil to counter *Daesh's* propaganda is an example of these cooperation efforts. Thanks to this operation, it was possible to obtain sensitive information and identify users in 133 countries. The information was then used to plan an international operation coordinated by EUROPOL in April 2018, which greatly damaged part of *Daesh's* propaganda machine (GC, 2018). The group's propaganda platforms, including *AMAQ*, *al-Bayan* radio, and the *Halumu* and *Nashir* news outlets, were simultaneously blocked and hacked. Although their activity resumed shortly after, the real goal of the operation was the information obtained from the servers, which could be analysed to determine who was behind the propaganda, who was receiving it, and, therefore, who was a potential terrorist threat. Knowing the means terrorists use to disseminate their content and the jihadists' Tactics, Techniques and Procedures (TTP) made it possible to draw a map of who is doing what in the online war that the group has been waging to radicalise potential recruits (Bussoletti, 2018).

Figure 7 shows the effectiveness of the efforts to counter terrorism in Europe. According to these figures, Italy has never been targetted by a serious terrorist attack. This is an aspect that should be analysed, as Italy is both an access point for migrants and the most prominent of the "nations of the cross" (Catholic nations).

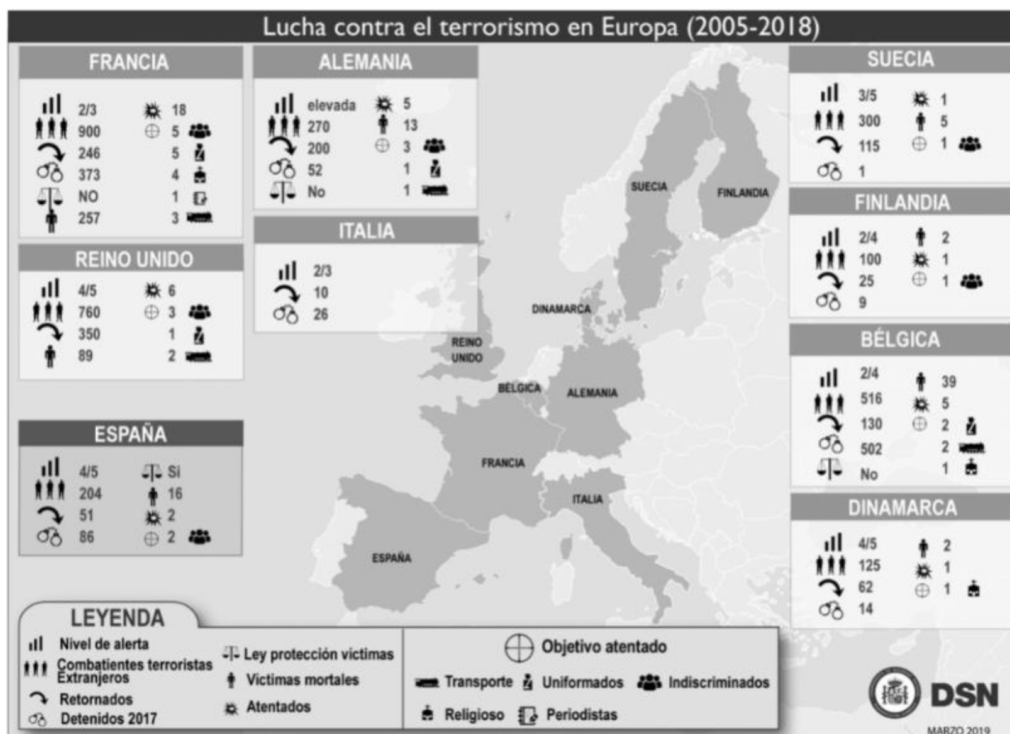


Figure 7 – Counter-terrorism measures in Europe (2005-2018)

Source: DSN (2019).

According to several experts on terrorism (such as Lorenzo Vidino and Edward Luttwak), the widespread use of administrative deportations and strict nationality laws are important factors that help explain why there is almost zero terrorist activity in Italy. In fact, to date, the country has managed to prevent attacks on its territory. Also curious is that the use of these measures has not garnered much discussion in the country (Marone, 2017). Furthermore, Vidino points out that the perpetrators of attacks in the West have almost exclusively been second-generation citizens, whereas Italy barely has a second generation (Montgomery, 2016).

To complement the above analysis, Table 3 lists the measures taken by law enforcement to counter *Daesh*.

Table 3 – Legislative measures and measures taken by law enforcement to counter *Daesh*

The findings revealed that both the measures taken by law enforcement agencies and the legislative measures implemented in the EU have helped counter <i>Daesh</i> more effectively: (1) inter-agency coordination (SIGC, op. cit); (2) information sharing (Consilium, 2018b; SIGC, op. cit); (3) monitoring terrorist activity (internet) (EUROPOL, 2016; SIGC, op. cit); (4) monitoring the activity of traditional cells (SIGC, op. cit) (5) border control (EP, 2018); (6) arms control (EP, 2018); (7) control of explosives and precursors (EP, 2018); (8) the creation of the IRU (EUROPOL, 2016; SIGC, op. cit); (9) the creation of the European Counter Terrorism Centre (ECTC) (Consilium, 2018b); (10) the appointment of a new EU security commissioner (Consilium, 2018b); (11) the creation of a criminal taxonomy of terrorist actions, such as training or travel for terrorist purposes, facilitating such travel, or providing or collecting funds for terrorist groups or activities (Consilium, 2018b); (12) countering online radicalisation (Consilium, 2018b); (13) the creation of police agencies specialised in countering terrorism (SIGC, op. cit); (14) the creation of specialised judicial bodies, such as the Spanish Audiencia Nacional, that can try crimes of terrorism (SIGC, op. cit).
The EU counter-terrorism coordinator is responsible for (Consilium, 2020): (1) coordinating the Council's counter terrorism work; (2) presenting proposals for measures and priority areas for action; (3) monitoring the implementation of the EU Counter-Terrorism Strategy; (4) having an overview of the situation in Europe, reporting to the Council and following up on the Council's decisions; (5) coordinating with the Council's preparatory bodies, the European Commission and the European External Action Service; (6) ensuring that the EU actively participates in the fight against terrorism; (7) improving communication between the EU and third countries; (8) working closely with EU institutions to tackle terrorism in the EU. According to the Consilium (2020), the EU counter-terrorism coordinator operates in accordance with three counter-terrorism priorities: (1) ensuring the safety of EU citizens; (2) preventing radicalisation; and (3) cooperating with international partners.

4.3.3. An uncertain future

According to Cafarella et al. (2019, p. 8), despite having lost the entirety of the territory of the so-called Caliphate in Syria and Iraq, *Daesh* is far from having been defeated. Moreover, the Iraqi authorities have expressed concern at the government's inability to provide basic services. By exploiting both the weaknesses and failures of the Iraqi government and sectarian tensions, *Daesh* is attempting to replicate the conditions it previously exploited to gain followers and conquer territory in Iraq (Fine et al., 2019, p. 8).

Despite the effects of COVID-19 on the world and its inhabitants, according to De la Corte and Summers (2021, pp. 40, 54), the terrorist threat has not changed significantly, even during a pandemic, as the total number of attacks increased in relation to 2019 and 2020 (Figure 8).

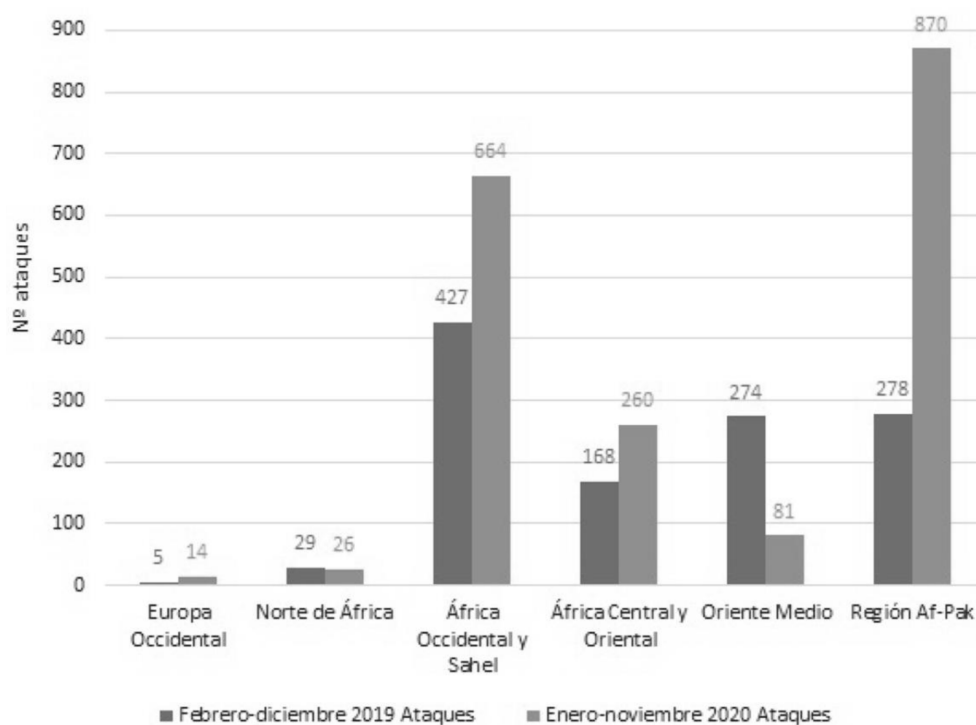


Figure 8 – Number of jihadist attacks, 2019-2020

Source: De la Corte and Summers (2021, p. 40).

On the other hand, during the 2020s, *Daesh* shifted the spotlight to its subsidiaries and franchises (such as the Islamic State of West Africa), in a decentralisation strategy that began with the group's defeat (Igualada & Summers, 2020, pp. 2, 3).

Attacks on European soil continued to occur during 2020 (Figures 4 and 8), showing the terrorists' determination, intentions and motivation, even during a pandemic.

Therefore, Nesser (2018) emphasises that it is a common mistake to assess the threat in terms of successful attacks, and that one must also consider the planned attacks thwarted by law enforcement, as well as other factors. In addition to seven successful attacks in 2018, EU member states reported 16 thwarted attacks (Figure 9), which proves that counterterrorism efforts have been effective. However, both the high number of thwarted plots and *Daesh's* attempts to conduct attacks outside conflict zones also reveal that the threat level in the EU remains high (EUROPOL, 2019, p. 6).

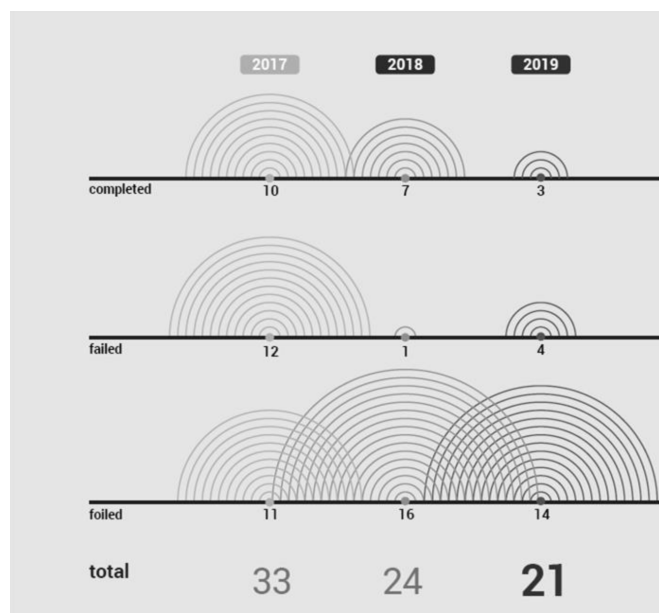


Figure 9 – Jihadist conspiracies and plots in 2017 and 2019

Source: EUROPOL (2020, p. 14).

Joseph Nye compares fight against terrorism to *Jiu-Jitsu*, a martial art in which a small-sized fighter can defeat a large opponent by using the latter's force against themselves. Thus, hard power and soft power must be used in combination to enable moderate responses. The military and police instruments should be used against hardened terrorists that cannot be rehabilitated, but programmes should also be implemented to attract the people in their communities (PS, 2017), as success depends on the ability to make progress in non-military areas (McInnis, 2016, p. 2).

Finally, as Pires (2016b, p. 123) stresses, countering groups such as *Daesh* requires multifaceted responses and a range of instruments, one of which is the military instrument. These responses should be complemented, coordinated and aligned with the other instruments at the disposal of countries and International Coalitions.

4.3.4. Brief overview and answers to SQ3 and SQ4

The use of the military has played a decisive role in defeating *Daesh's* efforts on the ground, disrupting its command and control capabilities, its ability to recruit and disseminate propaganda, and its sources of funding.

The “asphyxiation” strategy that was used to eliminate the group's resources, in combination with a vast array of military capabilities, have progressively stripped *Daesh* of its territory. However, this victory was only possible because countries' interests temporarily aligned, despite the conflicting interests of global powers. This answers SQ3: *What actions have been taken by the military to counter the effects of Daesh's propaganda?*

The legal and operational counter-terrorism measures that have been implemented by European societies and law enforcement agencies, as well as interagency cooperation, have made it possible to thwart a significant number of terrorist plots. However, despite these efforts by the military and the police, which have led to a decrease in the number of successful attacks, the constant level of terrorist-inspired activity and the number of thwarted plots indicate that terrorists are still determined to attack. Therefore, the threat has not disappeared, even though the ability to plan and execute attacks has been temporarily affected. This answers SQ4: *What actions have been taken by law enforcement to counter the effects of Daesh's propaganda?*

Managing the new generations of citizens who descend from migrants, as well as the communities to which many terrorists belong, will be crucial to ensure a safer Europe, as success in non-military areas is essential to eliminate the motivations and ideology that mobilise *Daesh's* followers and, consequently, the group itself.

5. Conclusions

This study analysed the policies and tools which the military and law enforcement agencies have used to counter the threats created by *Daesh's* propaganda. This was done by elaborating an analysis model (Table 1) to structure the data collection process. The analysis resulted in two findings: (1) the counter-terrorism measures taken by the military and by law enforcement agencies have succeeded in stripping the group of its territory and have led to a decrease in the number of attacks in the European Union (EU), thanks to the interests of global powers temporarily aligning, as well as to the coordination between EU law enforcement agencies; (2) however, this does not mean that the threat level has decreased, rather it is a transitional phase that spells an uncertain future for Europe, as it is not due to loss of motivation, but to the disruption of terrorists' ability to plan and execute attacks.

Now that the group has gone into clandestine insurgency mode in Syria and Iraq, and that the Caliphate's physical manifestation is gone, it raises the question of whether the organization remains a danger to the West. The attacks in Tunisia and Sri Lanka, the group's global expansion through affiliates, and especially the situation in Syria and Iraq should be taken as a warning that the causes that led to the emergence of *Daesh* have not disappeared. In addition to the number of thwarted attacks, the number of detainees and the FF about to be released or repatriated suggest that the group will continue to pose a threat in the future.

Therefore, the threats created by *Daesh's* propaganda and the military and police responses to counter those threats were analysed, thus achieving the GO and answering the RQ: *What policies and tools have military and law enforcement agencies used to counter the threats created by Daesh's propaganda?*

The study used a qualitative strategy with quantitative elements, a case study research design and deductive reasoning to analyse the operational concepts of terrorism, propaganda, threat and security, following the four-chapter structure described in our analysis model. The study methodology comprised a literature review of articles, GCI reports and reports issued by the United Nations Security Council (UNSC), as well as other documents, and semi-structured interviews conducted with experts from the *Servicio de Información de la*

Guardia Civil (SIGC) on the importance of operation Tajmil and the international operation coordinated by EUROPOL to counter the group's propaganda.

The findings revealed that the group has been able to develop an organized and centralised communication campaign, with different themes and messages tailored to specific TA, as well as to the international public, using psychology tools, new technologies, the internet and traditional media to create a new *marketing terrorism* based on narrative, justification, spectacle, resonance, reach, adaptability and global expansion. This achieved SO1: *To describe the main features of Daesh's propaganda.*

With regards to SO2, *To analyse the effects of Daesh's propaganda on its TA*, the most visible effect are the actions of lone wolves. Individual jihad is the perfect tool for terrorist groups to operate in the West and *Daesh* is no exception. When the group began losing territory and suffering military defeats, it called for attacks in the West and Europe, ideally combining the following factors: (1) operational isolation, which makes attacks unpredictable and difficult to detect; (2) low-cost tools, such as vehicles and knives, which are easily accessible; (3) the group provides instructions on how to commit and claim attacks, in order to claim any *Daesh*-inspired attack as their own, thus extending its reach and influence and making it seem as though it is everywhere.

Thousands of individuals mobilised for war. Of those, 5 thousand were European nationals, and 1,200 are reported to have returned. Against this background, and bearing in mind that these attacks were the most lethal due to the attackers' experience, it is urgent to use objective data on attacks and routes to establish policies and controls that allow us to help those fleeing the war, while also detecting and detaining those who wish to attack Europe and profit from the suffering of others.

Daesh's strategy is effective: It tries to confront Europeans and create a climate of fear and anti-Muslim sentiment, which in turn leads to hate crimes, social divides and alienation, polarising society and allowing the group to manipulate vulnerable second generation immigrants, using them as a platform to attack Europe. Immigration can be both a bridge to terrorism and a generator of xenophobia, as Islam is often held directly responsible for attacks. This is an issue that *Daesh* skilfully exploits, as it provides it a source of recruits among those who suffer from the grievances that the organization itself fosters, as a result of the pull and push factors in society.

As a consequence of the cycle of hate created by the xenophobia-recruitment-attack dynamic, a large number of European nationals have been involved in attacks. Between June 2014 and June 2017, 73% of attackers were citizens of the country where the attack occurred. Moreover, there are numerous FF in prisons in Syria and Iraq, as well as women and children in refugee camps, many of whom may have been trained. Even more worrying is the fact that many are European nationals. The phenomenon of returnee FF that will soon be released from prison cannot be ignored.

Against this background, the solution is not to further alienate Muslims in general, as this is exactly what *Daesh* wants because it will make it easier to recruit followers, but rather to find ways to ensure the safety of all citizens and to integrate the communities that constitute *Daesh's* TA by helping them not fall prey to the organization's manipulation.

Lone wolves, FF, returnees, and traditional cells, as well as a society polarised through the cycle of hate created by the recruitment-attack-xenophobia dynamic, are thus the effects of *Daesh's* propaganda. This achieves SO2: *To analyze the effects of propaganda on its target audiences.*

To achieve SO3 and SO4, the study analysed the tools used by the military and the police to counter the threats created by *Daesh's* propaganda. Global powers, the GCI and the Russia-Syria-Iran axis relied on the experience they acquired in the wars in Afghanistan and Iraq to determine that an “asphyxiation” strategy would be the best solution, temporarily aligning their interests to serve the common good, despite the fact that this decision was based on a zero-sum principle. The use of kinetic strikes, air strikes, the elimination of skilled operatives and leaders, and the application of the TAE model were all factors that contributed to disrupt the group's access to resources by stripping it of its territories. This affected the group's command and control structures and limited its ability to conduct attacks against the West. However, it bears repeating that the elimination of *Daesh* leader al-Baghdadi, while an important milestone, does not mean that the organization has ended, just as the death of Bin-Laden did not cause the end of al-Qaeda. This achieved SO3, *To analyse the actions taken by the military to counter the effects of Daesh's propaganda.*

The measures taken by law enforcement agencies have also contributed to the decrease in attacks, and the large number of plots thwarted in Europe by security forces is proof that cooperation has been crucial to success. Coordinated legislative measures have prevented travel to conflict zones and improved border and arms control, as well as the detection of explosives and their precursors. Monitoring internet activity, e.g. the establishment of the Internet Referral Unit (IRU), and intelligence sharing have also been instrumental tools used by law enforcement. Therefore, SO4, *To analyse the actions taken by law enforcement agencies to counter the effects of Daesh's propaganda,* was achieved.

The answer to the RQ is thus that global powers and regional actors temporarily aligned to asphyxiate the group's resources, and the cooperation and legislative measures taken by law enforcement agencies stripped the group of its territory and of local populations to exploit, resulting in a decrease in attacks on EU soil. However, the fact that the number of attacks decrease in 2018 does mean that the threat has been reduced, but rather that Europe is facing an uncertain future. The significant number of detainees, thwarted plots and executed attacks, even in 2020, during the COVID-19 pandemic, shows that the motivation to commit attacks has not disappeared.

As for the study's *contributions to knowledge*, Tables 2 and 3 achieved the study's goal of determining what military and law enforcement policies and strategies have proved effective in countering *Daesh*.

With regard to *practical considerations*, countering terrorism requires moderate responses. It is *Daesh* that has the most to gain by linking terrorism to immigration in order to foster extremism. When immigration is not linked to terrorism and occurs in an organized manner, it benefits both migrants and the societies that host them. However, this must not lead to policies that are not based on facts. There are objective and quantifiable data on the attackers and on the *modus operandi* they used in recent attacks. These data should serve

as a guide to create policies that protect citizens while respecting Islam as a community of people. *Daesh* is well-aware of how difficult it is to strike the right balance, and uses the excesses committed by States to feed its cycle of hate in European societies. Therefore, the authority and powers of the EU counter-terrorism coordinator should be enhanced, as this would improve the process of prosecuting and investigating crimes.

The most relevant *study limitation* was the fact some of the data collected are contradictory. The best example of this are the numbers of FF in Syria and Iraq, which vary up to several thousands. However, thanks to the trend revealed by these contradictory data, it was possible to overcome this difficulty.

An excellent topic for *future studies* would be to analyse and assess the use of other instruments available to States and International Coalitions that can complement the efforts by the military and law enforcement agencies, focusing on programmes to integrate FF as well as on the specific conditions and measures taken by countries that have not suffered attacks, such as Italy, as well as the circumstances that led second generation immigrants to perpetrate attacks. Finally, success in non-military areas is the most important part of a multifaceted holistic counter-terrorism response that combines the use of both soft and hard power, not only to destroy the group's military assets but especially the narrative and ideology on which groups such as *Daesh* depend to survive.

References

- Almukhtar, S. W., & Watkins, D. (2016, 13 October). ISIS Has Lost Many of the Key Places It Once Controlled. *New York Times*. Retrieved from <https://www.nytimes.com/interactive/2016/06/18/world/middleeast/isis-control-places-cities.html>
- Amarasingam, A. (2019). Terrorism on the Teardrop Island: Understanding the Easter 2019 Attacks in Sri Lanka. *CTC Sentinel*. May-June, 1-10.
- Andhika, W. (2017). On social media, ISIS uses fantastical propaganda to recruit members. *The Conversation*. Retrieved from <https://theconversation.com/on-social-media-isis-uses-fantastical-propaganda-to-recruit-members-86626>
- Awan, I. (2017). Cyber-Extremism: Isis and the Power of Social Media. *Social Science and Public Policy*, 138-149.
- Barton, G. (2019, 28 October). Baghdadi's death is a huge blow to Islamic State, but history suggests it won't guarantee a safer world. *The Conversation*. Retrieved from <http://theconversation.com/baghdadis-death-is-a-huge-blow-to-islamic-state-but-history-suggests-it-wont-guarantee-a-safer-world-125930>
- BBC. (2019, 20 February). How many IS foreign fighters are left in Iraq and Syria? *BBC*. Retrieved from <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-47286935>
- Beck, E., Diza, U., & Searl, A. (2017). Bridges and Bandits on the Road to the New Jerusalem: A Study of the Correlation Between Immigration and Terrorism. *Channels*, 81-110.
- Bergen, P. (2017, 9 January). Truck attacks -- a frightening tool of terror, with a history. *CNN*. Retrieved from <http://edition.cnn.com/2016/07/14/opinions/truck-attacks-tactic-analysis-bergen/>.
- Berger, J., & Morgan, J. (2015). The ISIS Twitter Census. *The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World*.

- Bin Sudiman, M. (2017). Attacks in Europe: A New Strategy to Influence Hijra to Is Distant Wilayats? *Counter Terrorist Trends & Analysis*, 9(2), 10-13. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=tsh&AN=125451573&lang=pt-br&site=eds-live>
- Borum, R., & Fein, R. (2017). The Psychology of Foreign Fighters. *Studies in Conflict & Terrorism*, 40(3), 248-266.
- Bove, V., & Böhmelt, T. (2016). Does Immigration Induce Terrorism? *Forthcoming, Journal of Politics*, 78(2), 572 - 588.
- Bussoletti, F. (2018, 30 April). *Daesh reacts to EUROPOL's maxi cyber offensive, but at what cost?* Retrieved from <https://www.difesaesicurezza.com/en/defence-and-security/daesh-reacts-to-europols-maxi-cyber-offensive-but-at-what-cost/>
- Byman, D. (2019). *Five initial thoughts on the New Zealand terrorist attack*. Brookings. Retrieved from <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/03/15/five-initial-thoughts-on-the-new-zealand-terrorist-attack/>
- Cafarella, J., Wallace, B., & Zhou, J. (2019). *ISIS'S second comeback: assessing the next isis insurgency*. Retrieved from <http://www.understandingwar.org/sites/default/files/ISW%20Report%20-%20ISIS%E2%80%99s%20Second%20Comeback%20-%20June%202019.pdf>
- Calvo, J. L. (2016). *Respuesta Militar. Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional*. Cuaderno de Estrategia 180. Spanish Institute for Strategic Studies. Retrieved from http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_180.pdf
- Caretti, G. (2016, 5 August). *La propaganda del Daesh, el arma más eficaz del 'califato' terrorista* Retrieved from <http://www.rtve.es/noticias/20160805/propaganda-del-daesh-armas-eficaz-del-califato-terrorista/1381785.shtml>
- Consilium. (2018a, 25 October). *Estrategia de la UE de Lucha contra el Terrorismo*. Retrieved from Consilium. European Council: <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/eu-strategy/>
- Consilium. (2018b). *Respuesta a la amenaza terrorista y a los recientes atentados terroristas en Europa*. Retrieved from <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/foreign-fighters/>
- Consilium. (2020, 19 May). *Coordinador de la lucha contra el terrorismo*. Retrieved from <https://www.consilium.europa.eu/es/policies/fight-against-terrorism/counter-terrorism-coordinator/>
- Convey M. et al. (2017). *Disrupting Daesh. Measuring takedown of online terrorist material and its impact*. VOX-Pol Network of Excellence. Retrieved from http://www.voxpol.eu/download/vox-pol_publication/DCUJ5528-Disrupting-DAESH-1706-WEB-v2.pdf
- Cottee, S. (2015, 2 de março). Why It's So Hard to Stop ISIS Propaganda. *The Atlantic*. Retirado de <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/03/why-its-so-hard-to-stop-isis-propaganda/386216/>
- Couto, A. C. (1980). *Elementos de Estratégia- Apontamentos para um curso*. Lisbon: IAEM.
- David, C.-P. (2001). *A Guerra e a paz: abordagens contemporâneas da segurança e da estratégia* (A. Pereira de Silva Trad.) Lisbon: Instituto Piaget. ISBN 972-771-410-2.
- De la Corte, L., & Summers, M. (2021). *Yihad en tiempos de pandemia. ¿Hasta qué punto ha influido e influirá el coronavirus en el terrorismo y la violencia yihadista*. Research Paper. *Instituto Español de Estudios Estratégicos*. [Spanish Institute for Strategic Studies] Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional.

- DSN. (2019, 4 April). *Lucha contra el Terrorismo en Europa 2005-2018*. Departamento de Seguridad Nacional. Retrieved from <https://www.dsn.gob.es/es/actualidad/infografias>
- DSN. (2020, 4 November). *Atentados yihadistas con víctimas mortales en Europa (2015-2020)*. Departamento de Seguridad Nacional. Retrieved from <https://www.dsn.gob.es/es/actualidad/infografias>
- Duarte, F. (2017). Os Objectivos Estratégicos do DAESH na Europa. *Janus*, 18-19. Retrieved from http://janusonline.pt/images/anuario2017/1.5_FelipePDuarte_DAESH.pdf
- Ejupi, V., Siljanovska, L., & Iseni, A. (2014). The Mass Media and Persuasion. *European Scientific Journal*, 10(12), 636-646.
- EP. (2018). *The return of foreign fighters to EU soil*. European Parliament. Retrieved from [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621811/EPRS_STU\(2018\)621811_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621811/EPRS_STU(2018)621811_EN.pdf)
- EUROPOL. (2016). *EU Internet Referral Unit. Year One Report Highlights*.
- EUROPOL. (2019). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2019*.
- EUROPOL. (2020). *European Union Terrorism Situation and Trend Report. TESAT 2020*.
- Fine, G., Linick, S., & Calvaresi, A. (2017). *Operation Inherent Resolve. Report to the United States Congress*. Retrieved from https://oig.state.gov/system/files/lig_oco_oir3_jun2017.pdf
- Fine, G., Linick, S., & Calvaresi, A. (2019). *Lead Inspector General for Operation Inherent Resolve | Quarterly Report to the United States Congress | January 1, 2019 - March 31, 2019*.
- Fuente, I. (2018). Al Qaeda frente al Dáesh: dos estrategias antagonistas y un mismo objetivo. *Spanish Institute for Strategic Studies*. Retrieved from http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_analisis/2018/DIEEEA21-2018_Al_Qaeda-Daesh_IFC.pdf
- Gambhir, H. (2016). *The Virtual Caliphate: ISIS's Information Warfare*. Retrieved from <https://css.ethz.ch/content/specialinterest/gess/cis/center-for-securities-studies/en/services/digital-library/publications/publication.html/36a81f78-8305-4852-8f06-e7996fa2de06>
- GAO. (2017). *Countering ISIS and Its Effects. Key Issues for Oversight*. Retrieved from <http://www.gao.gov/assets/690/685908.pdf>
- Garamone, J. (2019, 26 July). *ISIS Caliphate Is Gone, But Threat Remains, Dunford Says*. U.S. Department of Defense. Retrieved from <https://www.defense.gov/explore/story/Article/1918561/isis-caliphate-is-gone-but-threat-remains-dunford-says/>
- GC. (2018, 27 April). *Una operación de la Guardia Civil desarticula parte del aparato de difusión de propaganda de DAESH y permite identificar a miles de usuarios en 133 países*. Retrieved from <http://www.guardiacivil.es/ca/prensa/noticias/6582.html>
- González, R. (2019, 28 June). Dos atentados consecutivos dejan al menos un muerto y ocho heridos en el centro de Túnez. *El País*. Retrieved from https://elpais.com/internacional/2019/06/27/actualidad/1561632515_308128.html
- Greene, A. (2017, 6 June). Linking lone wolf killers to Islamic State magnifies the threat - and could inspire future attacks. *The Conversation*. Retrieved from <http://theconversation.com/linking-lone-wolf-killers-to-islamic-state-magnifies-the-threat-and-could-inspire-future-attacks-78878>

- Gunaratna, R. (2017). Global Threat Forecast. *UNISCI*(43). Retrieved from <https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag-91857/UNISCIDP43-6GUNARATNA.pdf>
- Guo, J. (2015). Hating Muslims plays right into the Islamic State's hands. *Washington Post*. Retrieved from https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2015/11/17/isis-wants-you-to-hate-muslims/?noredirect=on&utm_term=.3cddb0d8c155
- Gutiérrez, O. (2017, 13 October). Con el ISIS no salen las cuentas. *El País*. Retrieved from https://elpais.com/internacional/2018/10/10/actualidad/1539166181_705500.html
- Gutiérrez, Ó. (2018, 20 May). No podemos poner un policía detrás de cada radical fichado. *El país*. Retrieved from https://elpais.com/internacional/2018/05/19/actualidad/1526757662_839686.html
- Habeck M. et al. (2015). A Global Strategy for Combating al Qaeda and the Islamic State. *American Enterprise Institute*. Retrieved from <https://www.aei.org/wp-content/uploads/2015/12/A-Global-Strategy-for-Combating-al-Qaeda-and-the-Islamic-State-online.pdf>
- Heißner S. et al. (2017). Caliphate in Decline: An Estimate of Islamic State's Financial Fortunes. *The International Center for the Study of Radicalization and Political Violence*. Retrieved from <https://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/ICSR-Report-Caliphate-in-Degradation-An-Estimate-of-Islamic-State-Financial-Fortunes.pdf>
- Hoffman, B. (2006). *Inside Terrorism, Revised and Expanded Edition*. New York: Columbia University Press.
- Igualada C. et al. (2018). *Anuario del terrorismo yihadista 2018*. Retrieved from <https://observatoriotorismo.com/wp-content/uploads/2019/03/anuariotorismoyihadista2018.pdf>
- Igualada, C., & Summers, M. (2020, July). Informe Semestral de la actividad Yihadista en 2020. *International Observatory for Terrorism Studies*.
- IHS Markit. (2017, 29 June). *Islamic State Territory Down 60 Percent and Revenue Down 80 Percent on Caliphate's Third Anniversary, IHS Markit Says*. Retrieved from IHS Markit: <https://news.ihsmarkit.com/press-release/aerospace-defense-security/islamic-state-territory-down-60-percent-and-revenue-down-80>
- Ingram, H. (2016). Deciphering the Siren Call of Militant Islamist Propaganda: Meaning, Credibility & Behavioural Change. *International Centre for Counter Terrorism, The Hague*.
- Jawhar, J. (2016). Terrorist's use of the internet: the case of Daesh. The Southeast Asia Regional Centre for Counter-Terrorism (SEARCCT). Retrieved from https://www.searcct.gov.my/images/Articles_2016/Articles_2017/Terrorists_Use_Internet_Mac_17.pdf
- Jiménez M. et al. (2017). *Anuario del Terrorismo Yihadista 2017*. Retrieved from <https://observatoriotorismo.com/wp-content/uploads/2018/02/anuariotorismoyihadista2017.pdf>
- Kalin, S., & Tolba, A. (2016, 31 July). As 'caliphate' shrinks, Islamic State looks to global attacks. *Reuters*. Retrieved from <https://www.reuters.com/article/us-europe-attacks-is-propaganda/as-caliphate-shrinks-islamic-state-looks-to-global-attacks-idUSKCN10B0IP>
- Lesaca, J. (2015). El efecto viral de la propaganda terrorista islámica. *Nuestro tiempo*, 106-11.
- Mackintosh, E., Griffiths, J., & Ruiz, J. (2019, 27 October). Trump: ISIS leader Abu Bakr al-Baghdadi is dead. *CNN*. Retrieved from <https://edition.cnn.com/politics/live-news/abu-bakr-al-baghdadi-isis-intl-hnk/index.html>

- Macklin, G. (2019). The Christchurch Attacks: Livestream Terror in the Viral Video Age. *CTC Sentinel*, 12(6), 18-29. Retrieved from <https://ctc.usma.edu/app/uploads/2019/07/CTC-SENTINEL-062019.pdf>
- Mahlouly, D., & Winter, C. (2018). *A Tale of two Caliphates*. VOX-Pol Network of Excellence.
- Marone, F. (2017, 13 March). The Use of Deportation in Counter-Terrorism: Insights from the Italian Case. *International Centre for Counter-terrorism - The Hague*. Retrieved from <https://icct.nl/publication/the-use-of-deportation-in-counter-terrorism-insights-from-the-italian-case/>
- Matejic, N. (2016). Content Wars: Daesh's sophisticated use of communications. *NATO Review*. Retrieved from <https://www.nato.int/docu/review/2016/Also-in-2016/wars-media-daesh-communications-solis/EN/index.htm>
- McDowell & Maplecroft, D. (2016). Review: EUROJIHAD: Patterns of Islamist Radicalisation & Terrorism in Europe (Book). *International Affairs*, 92(3), 739-740. Retrieved from <http://eds.a.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=4&sid=18bdaf3a-c917-4245-8840-b0ec8c692e71%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbm9cHQtYnImc2l0ZT1lZHMtbGl2ZQ%3d%3d#AN=115160293&db=a9h>
- McInnis, K. J. (2016). Coalition Contributions to Countering the Islamic State. *Congressional Research Service*. Retrieved from <https://fas.org/sgp/crs/natsec/R44135.pdf>
- Milosevich-Juaristi, M. (2017, 5 April). *Reajustando expectativas: Rusia como socio estratégico en la lucha contra el terrorismo islámico*. *Real Instituto El Cano*. Retrieved from <http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/edeb131a-b57d-4c2e-91ab-f9fb001af17a/ARI30-2017-MilosevichJuaristi-Rusia-socio-estrategico-lucha-terrorismo-islamico.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=edeb131a-b57d-4c2e-91ab-f9fb001af17a>
- Milton, D. (2016). *Communication Breakdown: Unravelling the Islamic*. CTC Sentinel. Combating Terrorism Center at West Point.
- Milton, D. (2018). Down but not out: An Updated Examination of the Islamic State's Visual Propaganda. Combating Terrorism Center at West Point. Retrieved from <https://ctc.usma.edu/down-but-not-out-an-updated-examination-of-the-islamic-states-visual-propaganda/>
- Montgomery, N. (2016, 14 October). Italy deters terrorism with tough citizenship, deportation policies. *Stars and Stripes*. Retrieved from <https://www.stripes.com/news/italy-deters-terrorism-with-tough-citizenship-deportation-policies-1.434055>
- Nail, T. (2016). A tale of two crisis: migration and terrorism after the Paris attacks. *Studies of Ethnicity and Nationalism*, 16(1), 158-167.
- NATO. (2015). *Daesh Information Campaign and its Influence*. Riga: Nato Strategic Communications Centre of Excellence.
- Nesser, P. (2018). Europe hasn't won the war on terror. *Politico*. Retrieved from <https://www.politico.eu/article/europe-hasnt-won-the-war-on-terror/>
- O'Donnell, S., Klimow, M., & Calvaresi, A. (2020). *Operation Inherent Resolve. Lead Inspector General Report to the United States Congress. 1 July 2020-30 September 2020*.
- Pires, N. (2016a). *Resposta ao Jihadismo Radical: Políticas e estratégias para vencer grupos como a Al-Qaeda ou o Daesh*. Alcochete: Nexo Literário.
- Pires, N. (2016b). A Intervenção do Instrumento Militar. In C. d. Desenvolvimento, *O Daesh. Dimensão, Globalização, Diplomacia e Segurança*. Lisbon: Military University Institute.

- POOLRE. (2017). *Terrorism Threat & Mitigation Report*. Retrieved from https://www.poolre.co.uk/wp-content/uploads/2017/09/TRAC_TMR-2-17-web-3.pdf
- Pratkanis, A., & Aronson, E. (2001). *Age of Propaganda: The Every Day Use and Abuse of Persuasion. Revised Edition*. New York: W. H. Freeman and Company.
- PS (Director). (2017). *Trump and the Liberal World Order, with Joseph Nye* [Film]. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=1UpBIG4rq00>
- RAN. (2016). *The Root Causes of Violent Extremism*. Radicalization Awareness Network. Retrieved from https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/radicalisation_awareness_network/ran-papers/docs/issue_paper_root-causes_jan2016_en.pdf
- RAN. (2017). RAN Manual: Responses to returnees: Foreign terrorist fighters and their families. *Radicalisation Awareness Network*.
- Santos, L., & Lima, J. (Coords.) (2019). (2nd Ed., revised and updated). IUM Notebooks, 8. Lisbon: Military University Institute.
- Sarcinschi, A. (2016). European refugee Crisis: Beyond Prejudice. *Geopolitics and Geostrategies. Trends and Perspectives. Strategic Impact*(2).
- Seligman, L. (2019, 27 October). Baghdadi Is Dead, but ISIS Remains Emboldened Since Trump's Drawdown. *Foreign Policy*. Retrieved from <https://foreignpolicy.com/2019/10/27/isis-islamic-state-leader-baghdadi-killed/>
- SG. (2014, 2 June). *Foreign Fighters in Syria. The Soufan Group*. Retrieved from <http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/06/TSG-Foreign-Fighters-in-Syria.pdf>
- SG. (2015). *Foreign Fighters: An Updated Assessment of the Flow of Foreign Fighters into Syria and Iraq. Soufan Group*. Retrieved from http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2015/12/TSG_ForeignFightersUpdate3.pdf
- SG. (2017). *Beyond the Caliphate, Foreign Fighters and the Threats of Returnees*. Soufan Group. Retrieved from <http://thesoufancenter.org/wp-content/uploads/2017/11/Beyond-the-Caliphate-Foreign-Fighters-and-the-Threat-of-Returnees-TSC-Report-October-2017-v3.pdf>
- Simcox, R. (2018). The Asylum-Terror Nexus: How Europe Should Respond. *Background* (3314), 1-12.
- Simons, G. (2018). Brand ISIS: Interactions of the Tangible and Intangible Environments. *Journal of Political Marketing*, 1-31.
- Street, J. (2003). *Mass Media, Politics and Democracy*. Zagreb: Faculty of Political Science.
- Styszyński, M. (2016, 7 August). *The Concept of Lone Jihad*. Retrieved from <http://www.rieas.gr/images/islamic/lonejihadi16.pdf>
- TDP. (2018, 16 October). *Foreign fighters continue to join ISIS in Syria, US Joint Chiefs chair says*. The Defense Post. Retrieved from <https://thedefensepost.com/2018/10/16/isis-foreign-fighters-travel-syria-dunford/>
- Thatcher, M. (1985). Speech to the American Bar Association. Albert Hall. South Kensington, London.
- Torres, M. (2016). *Estrategias para derrotar al Daesh y la reestabilización regional. Cuaderno de Estrategia. Instituto Español de Estudios Estratégicos*. [Spanish Institute for Strategic Studies] Retrieved from http://www.ieee.es/Galerias/fichero/cuadernos/CE_180.pdf

- UN. (2018). *The challenge of returning and relocating foreign terrorist fighters*. United Nations Organization. Retrieved from <https://www.un.org/sc/ctc/wp-content/uploads/2018/04/CTED-Trends-Report-March-2018.pdf>
- UNODC. (2018). *Investigation, Prosecution and Adjudication of Foreign Terrorist Fighter Cases for South and South-East Asia*. United Nations Office on Drugs and Crime Retrieved from https://www.unodc.org/documents/terrorism/Publications/FTF%20SSEA/Foreign_Terrorist_Fighters_Asia_Ebook.pdf
- UNSC. (2018a, 27 February). *Twenty-first report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution 2368 (2017) concerning ISIL (Da'esh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. United Nations Security Council. Retrieved from http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2018/14/Rev.1&referer=/english/&Lang=E
- UNSC. (2018b, 27 July). *S/2018/705 Twenty-second report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution 2368 (2017) concerning ISIL (Da'esh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. United Nations Security Council. Retrieved from http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2018/705&referer=/english/&Lang=E
- UNSC. (2019, 15 July). *Twenty fourth report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution concerning ISIL (Daesh), Al-Qaida and associated individuals and entities*. United Nations Security Council. Retrieved from <https://undocs.org/S/2019/570>
- USDOS. (2019, 25 June). *Joint Statement by the Political Directors of the Global Coalition to Defeat ISIS*. US Department of State. Retrieved from <https://www.state.gov/joint-statement-by-the-political-directors-of-the-global-coalition-to-defeat-isis/>
- Vidino, Marone, & Entermann. (2017). *Fear thy neighbour. Radicalization and Jihadist attacks in the west*. Retrieved from <https://icct.nl/wp-content/uploads/2017/06/FearThyNeighbor-RadicalizationandJihadistAttacksintheWest.pdf>
- VOX. (2015, 6 July). *ISIS videos are sickening. They're also really effective. [Film]*. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=18lf1kpBgRk>
- Winston, D. (2018). DIY Terrorism: a look at the paradigm shift in Daesh's recruitment tactics through the lens of Central Asian Foreign Terrorist Fighters. *Terrorism*, 4-16.
- Winter, C. (2015). *Documenting the Virtual Caliphate*. Retrieved from <http://www.quilliaminternational.com/wp-content/uploads/2015/10/FINAL-documenting-the-virtual-caliphate.pdf>
- Winter, C. (2017a). Media Jihad: The Islamic State's Doctrine for Information Warfare. *International Centre for the Study of Radicalisation*. Retrieved from http://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/Media-jihad_web.pdf
- Winter, C. (2017b, 20 December). *Inside the collapse of Islamic State's propaganda machine*. Retrieved from <https://www.wired.co.uk/article/isis-islamic-state-propaganda-content-strategy>
- Winter, C. (2018). Apocalypse, later: a longitudinal study of the Islamic State brand'. *Critical Studies in Media Communication*, 35(1), 103-121.
- Zelin, A. (2015). Picture or it didn't happen: A snapshot of the Islamic State's official media output. *Perspectives on Terrorism*, 85-97. Retrieved from https://www.jstor.org/stable/26297417?seq=1#metadata_info_tab_contents